

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

OS IMPACTOS DOS CUIDADOS PARENTAIS E FAMILIARES NA CARREIRA
ACADÊMICA DE DOCENTES: UM SURVEY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS (UFSCar)

Isabelli Carolina Sampaio Postigo

São Carlos, SP
2022

ISABELLI CAROLINA SAMPAIO POSTIGO

OS IMPACTOS DOS CUIDADOS PARENTAIS E FAMILIARES NA CARREIRA
ACADÊMICA DE DOCENTES: UM SURVEY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS (UFSCar)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia e
Ciência da Informação pela Universidade
Federal de São Carlos.

Orientadora: Camila Carneiro Dias Rigolin

São Carlos

2022

P857 Postigo, Isabelli Carolina Sampaio.
Os impactos dos cuidados parentais e familiares na
carreira acadêmica de docentes: um survey na Universidade
Federal de São Carlos (UFSCar) / Isabelli Carolina Sampaio
Postigo. — [2022].
61 f.

Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado –
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

1. Gênero e Ciência. 2. Maternidade e ciência. 3.
Cuidados parentais. I. Título.

305.42

Os impactos dos cuidados parentais e familiares na carreira acadêmica de docentes:
um survey na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Isabelli Carolina Sampaio Postigo

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia e
Ciência da Informação pela Universidade
Federal de São Carlos.

Aprovado em: 13/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Camila Dias Rigolin

Docente do Departamento de Ciência da Informação – Universidade Federal de São Carlos

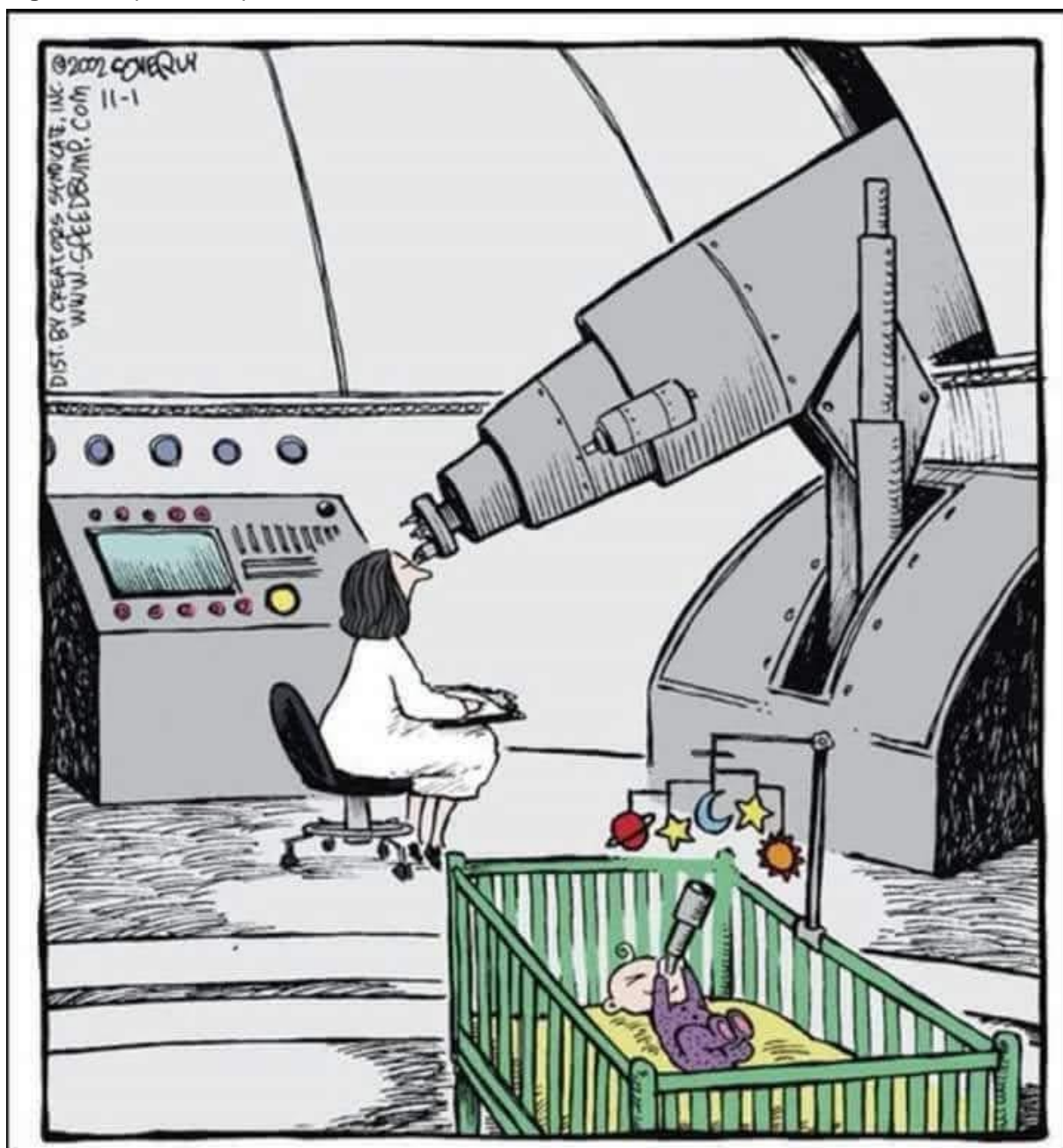
Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi

Docente do Departamento de Ciência da Informação – Universidade Federal de São Carlos

Márcia Regina da Silva

Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de
São Paulo

Figura 1 - Speed Bump



Fonte: Dave Coverly (2002). Reproduzido com permissão.

A mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. – Clarissa Pinkola Estés, em Mulheres que correm com os lobos.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o impacto dos cuidados parentais na carreira e no âmbito acadêmico de docentes do ensino superior de três departamentos da Universidade Federal de São Carlos: Terapia Ocupacional, Ciência da Informação e Engenharia Elétrica. O referencial teórico baseia-se majoritariamente em pesquisas produzidas por mulheres, com autoras como Adriana Maria Tonini, Elizabeth Bortolaia Silva e Maria Teresa Citeli, trazendo luz às suas produções e teorias acadêmicas. Abrange também pesquisas relacionadas aos estudos sobre gênero e ciência, produzidas sobretudo no âmbito da Ciência e Tecnologia. Para coleta de dados junto aos docentes, foi aplicado um questionário do tipo *survey*, com perguntas majoritariamente fechadas, relativas a cuidados parentais, trabalho doméstico, atividades acadêmicas e produção científica dos mesmos. Os resultados principais apontaram que as mulheres tiveram sua carga de trabalho doméstico aumentada durante a pandemia, além de serem as principais responsáveis por atividades que envolvem a casa e a família.

Palavras-chave: Cuidados Parentais; Mulheres docentes; Produção Científica; Universidade Federal de São Carlos.

ABSTRACT

This undergraduate final project intent to analyze the impact of the parental and familiar care in the career and personal life of teachers from three different departments from Federal University of São Carlos: Occupational Therapy, Information Science and Electrical Engineering. For that, a quiz will be applied in the survey mode, with closed questions. The theoretical reference is based on woman's scientific works, such as Adriana Maria Tonini, Elizabeth Bortolaia Silva e Maria Teresa Citeli, bringing their production and theories to light. Also, it covers specially researches about gender and science produced in the scope of Science and Technology. To the data collect with the teachers, it has been delivered a quiz, in the survey mode, with mostly seal questions, related with parental care, domestic work, academical activities and scientific production of those people. The results indicate that woman had increase their domestic work, in addition to be the main responsible for caring home.

Keywords: Parental Care; Teacher woman 's; Scientific Production; Federal University of São Carlos.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E FIGURAS

Figura 1 - Speed Bump	5
Tabela 1 – Docentes dos Departamentos de Ciência da Informação, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica, por gênero e ocupação	26
Tabela 2 - Faixa etária dos filhos das mulheres	31
Tabela 3 - Faixa etária dos filhos dos homens participantes	31
Tabela 4 - Áreas de maior titulação por homens e mulheres participantes	38
Gráfico 1 - Faixa etária de homens e mulheres participantes	29
Gráfico 2 - Características étnicas de homens e mulheres participantes	29
Gráfico 3 - Quantidade de filhos, por gênero, dos participantes	30
Gráfico 4 – Estado civil de homens e mulheres participantes	32
Gráfico 5 - Quantidade de pessoas que moram com os homens e com as mulheres participantes	32
Gráfico 6 - Realização de tarefas domésticas entre homens e mulheres	33
Gráfico 7 - Principais atividades realizadas semanalmente por homens e mulheres participantes	34
Gráfico 8 - Horas gastas para atividades semanais por homens e mulheres participantes	35
Gráfico 9 - Horas gastas para cuidados parentais por homens e mulheres participantes	36
Gráfico 10 - Ano de ingresso no magistério superior por homens e mulheres participantes	37
Gráfico 11 - Ano de obtenção da titulação mais alta por homens e mulheres participantes	37
Gráfico 12 – Docência em cursos de pós-graduação <i>stricto sensu</i> por homens e mulheres participantes	38
Gráfico 13 - Orientações em curso por homens e mulheres participantes	39
Gráfico 14 - Cargos ocupados por homens e mulheres participantes	40
Gráfico 15 - Projetos de pesquisa realizados por homens e mulheres participantes	40
Gráfico 16 - Projetos de iniciação científica orientados realizados por homens e mulheres participantes	41
Gráfico 17 - Artigos publicados em periódicos de 2019 a 2021 por homens e mulheres participantes	42
Gráfico 28 - Participação em livros e capítulos de livros por homens e mulheres participantes	42
Gráfico 19 - Publicações em anais de congresso por homens e mulheres participantes	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. GÊNERO E CIÊNCIA: primeiras aproximações	14
2.1. Agendas e tópicos de pesquisa	16
2.2. Segregação Vertical (ou “Teto de Vidro”) e Segregação Horizontal	19
2.3. Impactos da maternidade na carreira científica	20
METODOLOGIA.....	24
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
3.1. Perfil do/da docente e estrutura familiar	28
3.2. Distribuição das tarefas domésticas e impacto dos cuidados parentais.....	33
3.3. Carreira acadêmica e científica	36
3.4. Questão aberta	43
4. CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES.....	54
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	54
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	57

1. INTRODUÇÃO

Mesmo que por vezes silenciosa, é notada a segregação da mulher no dia-a-dia da sociedade, principalmente no ambiente de trabalho e nos papéis sociais bem definidos. À ela é dada a responsabilidade de cuidados dos filhos e tarefas domésticas, sem brechas para outras ocupações e atividades. Esta é uma herança do cenário em que a sociedade como um todo foi desenhada, colocando os homens como os trabalhadores que traziam o dinheiro para a casa e detinham as posses (casas, fazendas, terrenos), enquanto as mulheres permaneciam em casa cuidando dos afazeres domésticos e da família.

Porém este cenário tem se alterado cada vez mais. Grande parte dessa revolução se deve ao movimento feminista, que trouxe muitas vitórias para as mulheres ao longo de sua história de luta. Com o passar dos anos, houveram várias “ondas”, como são chamadas as pautas específicas que respondem às necessidades históricas de cada momento.

A primeira onda, que ocorreu em 1792, buscava a autonomia em relação aos homens. Esta onda envolvia o direito à educação, voto, igualdade de casamento e disposição de suas propriedades. Já a segunda aparece por volta de 1960, tendo como objetivo a mudança da qualidade de vida das mulheres. A busca era por igualdade de direitos. A terceira onda vem nos anos 1980, trazendo consigo a luta de gênero. Neste momento, aparece a problematização das questões de papéis binários (homem x mulher) e a heteronormatividade compulsória.

Movimentos feministas indicam que hoje vivemos a quarta onda do feminismo, mas essa não é uma opinião unânime. Os movimentos de luta feminista são facilmente organizados pela internet, e as histórias de vida de mulheres que sofrem por seu gênero são amplamente divulgadas e trazem à superfície problemas reais, cotidianos e frequentes vividos por todas.

Mesmo com todas as conquistas trazidas pela luta feminista, a mulher ainda se vê inegavelmente destinada a cuidar da família e da casa, enquanto o homem ascende em sua vida pessoal e acadêmica/trabalho. As mulheres continuam sendo o grupo que mais despende tempo em cuidados parentais e domésticos, sem ter brechas para construir uma carreira. Isso nos traz um questionamento pertinente: será

que apenas adaptamos à segregação que nossas ancestrais viviam há mais de 200 anos ou houve mudança real na realidade das mulheres?

A queda de trabalhos submetidos por mulheres durante a pandemia do COVID-19 demonstra que o cuidado com os filhos, por exemplo, consome o tempo que ela teria para construir pesquisas. Apesar dos maridos também estarem em casa durante o confinamento social, necessário para frear o vírus responsável pela doença, eles não se veem como principais responsáveis por esses afazeres, que acabam por ficar com as mulheres.

Apesar da pandemia ter colocado o problema em evidência, esse não é um debate novo, e a análise dos cuidados com a família e afazeres domésticos como tarefa feminina não começaram agora. A mulher se vê como a responsável pela maior parte das tarefas, mas quando o homem desempenha alguma função em casa, é diferente da mulher, conforme argumenta Perista (2002). Dessen e Braz (2000), argumentam que enquanto o pai se ocupa com a educação dos filhos, com enfoque nas áreas de desenvolvimento moral, sexual e escolar, a esposa tende a desempenhar as tarefas que são de mais “fácil assimilação”. Apesar disso, Jablonski ressalta que:

São as mulheres que ainda dão conta da maioria das tarefas, frequentam reuniões da escola, faltam ao trabalho em caso de doença das crianças, além de qualquer tipo de acompanhamento necessário, seja escolar, médico. (JABLONSKI, 2010, p. 273)

Essa necessidade de se desdobrar para resolver todas as situações faz com que as mulheres tenham cada vez menos representatividade e produção na área acadêmica, pois sentem a obrigação de cuidar da casa e da família antes de realizar trabalhos científicos ou construir uma carreira. O fato de colocar esses “deveres familiares” em segundo lugar traz a sensação de incompetência para as mulheres, pois já é algo que está enraizado no subconsciente e imposto socialmente.

O objetivo geral desta investigação é verificar o impacto dos cuidados parentais na carreira acadêmica de docentes, vis-a-vis o gênero, em três departamentos da Universidade Federal de São Carlos, a saber:

- Departamento de Ciência da Informação;
- Departamento de Terapia Ocupacional;
- Departamento de Engenharia Elétrica.

A este objetivo geral, corresponde o seguinte problema de pesquisa (ou questão de investigação): qual o impacto da questão de gênero na carga dos cuidados

parentais experimentados por docentes nas carreiras acadêmicas? Para tal, os objetivos específicos se norteiam em:

- Verificar o número de horas diárias declaradas pelos docentes (femininos e masculinos) para cuidados parentais, seja com filhos ou com familiares de outra natureza (pais, irmãos, avós);
- Verificar se existe uma diferença no número de horas dedicadas aos cuidados parentais entre os docentes com vínculo permanente e docentes substitutos/temporários;
- Verificar os indicadores de produção científica destes docentes, desagregados por gênero, nos últimos três anos (2019, 2020, 2021), no que diz respeito a: artigos publicados em periódicos científicos, livros e/ou capítulos de livros, trabalhos publicados em anais de congresso ou comunicações científicas;
- Levantar o número de orientações concluídas ou em curso de graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado, exercida pelos docentes destes departamentos no mesmo período;
- Verificar o número de disciplinas de graduação ofertadas pelos docentes do gênero feminino de masculino nestes departamentos;
- Verificar o número de disciplinas de pós graduação ofertadas por estes docentes do gênero feminino e masculino no mesmo período;
- Verificar, se na percepção destes docentes do gênero feminino e masculino, houve impacto da pandemia de coronavírus sobre sua produção científica e sobre a carga exercida com os cuidados parentais.
- Verificar, mediante questionário, qual o número de horas diárias dedicadas ao planejamento de pesquisa e análise de dados e produção científica pelos docentes femininos e masculinos.

Para esta análise, foi elaborado um formulário do tipo *survey*, com questões de múltipla escolha e uma pergunta aberta, para que os(as) entrevistados(as) pudessem discorrer sobre seu cotidiano ou deixar comentários pertinentes ao tema. Esta ferramenta visa levantar dados para responder os objetivos específicos e o objetivo geral.

Por se tratar de pesquisa de campo com acesso a seres humanos para coleta de dados primários, é mandatário submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar. O projeto foi aprovado, sob número CAAE 54149321.4.0000.5504 e número de parecer 5.307.568. Apenas após a emissão de

parecer favorável do referido Comitê foi dado andamento ao projeto. O passo seguinte foi enviar o link do formulário via e-mail para os docentes que fazem parte da amostra de investigação. Passado o período de espera do retorno das respostas, a análise quantitativa foi elaborada, com base na interpretação dos resultados através de estatística descritiva e comparação com as categorias de análise extraídas do referencial teórico.

2. GÊNERO E CIÊNCIA: primeiras aproximações

A questão de gênero e ciência percorreu um longo caminho nas últimas décadas. Diversos estudos foram realizados a fim de retirar o véu da neutralidade da ciência, que se configura pela indiferença quanto aos valores sociais da pessoa que faz ciência, de forma a não silenciar pesquisas pelo status do(a) pesquisador(a). A crítica feminista, cada vez mais presente e robusta, evidencia o problema e expressa reflexões cada vez mais pertinentes. A ciência moderna traz a importância do universal e da racionalidade única, e desde que Thomas Khun publica *A Estrutura das Revoluções Científicas* em 1962, o questionamento sobre as ideologias e políticas acerca da ciência começou a ser feita de forma mais frequente e séria (SILVA, 1998).

Alguns estudos demonstram que as desigualdades de gênero vão além do fazer pesquisa e esbarram também nos financiamentos, reconhecimento, citações e recompensas desses trabalhos (OLIVEIRA; MELLO; RIGOLIN, 2020). O *Efeito Mateus*, evidenciado por Robert Merton em suas pesquisas nos anos 60, aponta que os pesquisadores mais célebres tendem a ter mais aclamação e recompensas por suas produções científicas, enquanto os poucos conhecidos recebem pouco (ou nenhum) reconhecimento por suas atividades. A teoria faz alusão ao trecho do capítulo 25, versículo 29, do livro de São Mateus: “Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado” (MERTON, 1977).

Partindo deste efeito, Rossiter (1993) faz uma analogia e suscita a expressão *Efeito Matilda*, em homenagem à ativista Matilda J. Gage, autora de um ensaio que denunciava a ideia errônea de que a mulher não tinha a genialidade necessária para invenções (BESSA, MOREIRA, 2021). Este efeito, por sua vez, expõe que as mulheres cientistas recebem menos aclamação em suas pesquisas do que deveriam ter, o que não ocorreria se houvesse um exame imparcial do trabalho (OLIVEIRA; MELLO; RIGOLIN, 2020).

Outros estudos focados na produção científica das mulheres e na recuperação de trajetórias invisibilizadas apontam uma quantidade crescente de trabalhos e realizações entre os anos 70 e 80, exaltando figuras femininas importantes como Rosalind Franklin, Mary Somerville e Marie Curie para mostrar que, apesar das barreiras, elas obtiveram êxito nas ciências tradicionais (CITELLI, 2000).

A partir daí, os estudos se fortaleceram e evidenciaram cada vez mais que os estereótipos a respeito da suposta ausência da mulher na ciência se tratavam de uma questão social, não encontrando amparo em explicações naturalizantes e de ordem biológica. Wacjman (2010), por exemplo, expõe que o estereótipo das mulheres como incompetentes ou invisíveis nos domínios da tecnologia, bem como a associação automática de homens e máquinas, é o resultante de uma construção histórica e cultural.

Dentre estes questionamentos e reflexões que remetem a uma ideia selvagem, surgem perguntas de natureza quase animal: seriam as mulheres biologicamente menos capacitadas para a produção de conhecimento científico e tecnológico? Haveriam diferenças cerebrais entre os dois sexos que impossibilitariam as pessoas do grupo feminino de fazer as mesmas coisas que as da classe masculina? Existe um jeito “feminino” de fazer ciência? Os estudos dos anos 1990, comandados principalmente por Evelyn Fox Keller, Donna Haraway, Helen Longino, Anne Fausto-Sterling e Sandra Harding já traziam respostas negativas para estas perguntas, utilizando mais de um referencial teórico (CITELLI, 2000).

Além destes estudos, outros inúmeros foram feitos na intenção de questionar a sub-representação da presença feminina na academia, especialmente nas chamadas áreas STEM, acrônimo em inglês para *science, technology, engineering and math* (ciências, engenharia, tecnologia e matemática). A lacuna da participação feminina nestas áreas é demonstrada com dados gerados por pesquisas empíricas que revelam a persistência de fenômenos como a sua sub-representação nas áreas de computação e tecnologia da informação (OLIVEIRA; MELLO; RIGOLIN, 2020), na produção e registro de patentes (SIFONTES; MORALES, 2020) e na ocupação de postos de trabalho mais bem remunerados e associados a campos e áreas mais prestigiados socialmente, tais quais as engenharias, medicina e computação (WALBY, 2011). Já para a mulher, as áreas com mais presença geralmente são as que remetem ao cuidado, tais quais licenciaturas no geral, enfermagem e psicologia. Ou seja, há uma feminização persistente de campos científicos e áreas de atuação associados ao cuidado, segundo Yannoulas (2011).

Segundo dados do Censo Brasileiro de 2010, em cursos de engenharia e correlatos, as mulheres representavam 21,6%. No superior de Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) o cenário é ainda pior: estavam matriculados 215.372 homens e 33.082 mulheres. Ou seja: apenas 13,3% eram do

gênero feminino. Já na área da educação, as mulheres representavam 65,6% do total de alunos. A proporção de mulheres na docência de cursos de nível superior também é menor que a de homens: no estado de São Paulo, são 35.374 mulheres (43,4%) contra 46.130 homens (IBGE, 2010).

2.1. Agendas e tópicos de pesquisa

Em face a todas essas questões, algumas correntes de pensamento e cenários político-sociais se formaram, principalmente o feminismo, grande influenciador nas lutas de igualdade de gênero. Os estudos feministas pós-colonialistas apontaram que as mulheres não são um grupo homogêneo, mas sim uma categoria formada por pessoas com características pessoais e sociais individuais (classe, etnia, identidade sexual, valores culturais), tornando-se uma classe fluída (HARDING, 2009).

Essas teorias contribuíram para as discussões nos estudos de gênero, apontando para três pontos de vista centrais: o conhecimento se situa de forma social; grupos discriminados têm a capacidade de criar repertório acerca de e expor questões que o grupo principal não consegue; e que as pesquisas a respeito do entrelaçamento de poder e gênero devem ter como centro a vida das pessoas que estão no grupo desfavorecido socialmente (OZKAZANC-PAN, 2014).

Além da visibilidade da mulher como ser social, o feminismo também traz à luz a competência do gênero feminino na academia e nos papéis antes ocupados majoritariamente por homens, como o trabalho e a chefia da família. Mesmo que a mulher esteja mais presente nesses cenários, ela ainda é exposta a discriminação social e o tipo diferente de socialização/educação que são recebidas por meninos e meninas (HARDING, 2008). Os estereótipos mostram que enquanto os meninos são incentivados a conquistarem seus bens e se dedicarem exclusivamente aos estudos e aos próprios desejos, as meninas são estimuladas a constituir uma família e cuidar da casa, além de muitas vezes se dividirem entre os estudos e o auxílio para cuidar de irmãos pequenos e realizar tarefas domésticas. Não é muito difícil ver meninas ganhando pequenas vassouras e “mini cozinhas” de brinquedo desde muito pequenas, ao passo em que brinquedos que simulam artefatos tecnológicos, laboratórios de ciências ou blocos de construção são majoritariamente entregues a meninos.

Estudos sugerem que a disparidade dos brinquedos “de menina” e “de menino” começam a se intensificar depois dos 10 anos (KATO, 2018). É preciso que as famílias estimulem a criatividade da criança através de artefatos não estereotipados. O desestímulo e a falta de representatividade em áreas que demandam mais atenção e tempo (que também são as consideradas de maior prestígio, socialmente falando), podem ser considerados um dos gatilhos para escolhas profissionais que reproduzam os papéis de educação e cuidados também na esfera profissional, mesmo na pesquisa acadêmica.

A grandiosa da indústria cinematográfica, Disney, tem mudado sua representatividade ao longo dos últimos anos nesse sentido. As personagens femininas deixaram de ser princesas que precisavam ser resgatadas por um príncipe para se transformarem em figuras independentes e poderosas. É o caso de Moana - Um mar de aventuras, por exemplo. No longa, a personagem principal é a jovem filha do chefe de uma tribo, e parte em uma missão para salvar seu povo. Ou então em Frozen, onde a princesa Anna se arrisca pelas montanhas para ajudar sua irmã (que possui superpoderes - e não é uma figura masculina). A ideia de sororidade e empoderamento feminino vem lentamente aparecendo em lugares que antes eram ocupados majoritariamente por figuras masculinas dominantes.

Não restam dúvidas de que a teoria feminista colaborou para as mudanças que presenciamos hoje. Houveram várias fases do feminismo, ou, como é chamada comumente, ondas. Elas ocorreram em épocas diferentes da história, respondendo a repressões sociais e necessidades de seu tempo (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Conforme mencionado de forma sucinta no capítulo introdutório deste trabalho, a primeira onda do feminismo veio em 1792, como “resposta” a conquistas da Revolução Francesa, e buscava a emancipação dos homens, envolvendo o direito à educação, voto, igualdade de casamento e disposição de suas propriedades, tendo como principal figura inicial a professora Mary Wollstonecraft. Esta onda, portanto, refere-se a questões cívicas e jurídicas.

No Brasil, foi apenas em meados do século XIX que a conquista do acesso à educação para mulheres, por exemplo, ocorreu de forma lenta, apenas para as famílias que tinham condições de matricular as meninas em escolas particulares. O acesso às escolas públicas só se tornou possível em 1880. Não seria engano dizer que o feminismo teve sua participação a partir da pressão exercida sobre a sociedade,

que cobrava por políticas de equidade de acesso à educação entre mulheres e homens.

A partir da inclusão na educação, os movimentos feministas cresceram e a mobilização das sufragistas trouxe o direito ao voto em 1932, constatado no Código Eleitoral do governo de Getúlio Vargas. Enquanto Simone de Beauvoir escreve na França *O segundo sexo* em 1949, dando a percepção política para o tema, no Brasil ele cresce durante o período da ditadura militar, vem com uma pauta forte de luta de classe e traz as primeiras publicações feministas dos anos 70: *Jornais Brasil Mulher e Nós, Mulheres*.

No mesmo período, surge a segunda onda do feminismo, cujo principal objetivo era mudar as condições da mulher, reconhecendo que para isso era necessário mudar o mundo. Para o início, a premissa era analisar e expor os papéis que as noções de gênero desenhavam na nossa sociedade, reexaminando nossas suposições em todos os campos tradicionais da academia - nas humanidades e nas ciências sociais às ciências naturais (KELLER, 2006). A ideia era mostrar a mulher como ser autônomo, que é capaz de tomar decisões, fazer escolhas e executar ações. É um passo além da primeira onda, que lutava pela emancipação dos homens e igualdade nas esferas política, econômica e jurídica (CARVALHO, 2020).

Nesse estágio de aparecimento mais marcante do feminismo no Brasil, algumas agências fizeram um grande investimento para a pesquisa acadêmica sobre aquilo que se pensava ser “a mulher brasileira”. Uma delas foi a Fundação Ford, em união com a Fundação Carlos Chagas, de 1978 a 1998. Nesse período, solidificaram-se importantes grupos de estudo sobre mulher e gênero nas principais associações científicas. Por volta de 1992, iniciam-se os Cadernos Pagu, sendo uma revista de grande importância na área de estudos sobre mulher e gênero no Brasil até os dias atuais (GROSSI, 2004).

Nos anos 1980 as feministas têm uma característica mais pós-modernista e pós-estruturalista. Começam aqui os debates de gênero, com uma nova forma de pensar a identidade (NOGUEIRA, 2001). Problematizam também as questões da heterossexualidade compulsória, ou seja, que se sustenta apenas pela conveniência.

Embora não haja conformidade nas opiniões, hoje vivemos a quarta onda feminista. Nesta, a comunicação vem forte com a presença das redes sociais e a força da internet, que permite o compartilhamento de histórias e vivências de inúmeras mulheres. Também é responsável pela organização de manifestações e movimentos

de luta social coordenados por essas mulheres, que provocam a mobilização midiática e trazem à luz problemas como a violência doméstica, frequente nos tempos de isolamento social, e a desigualdade de gênero.

Com a pressão social, a posição social da mulher se modifica aos poucos, inclusive no que diz respeito à ciência. No Brasil, em 2003, elas representavam 43,2% dos docentes de ensino superior. Em 2019, esse número subiu para 46,3% (IBGE, 2021). Nos Estados Unidos os números também se mostram crescentes. Enquanto em 1970 apenas 8% dos doutorados outorgados de ciências naturais eram conquista das mulheres, em 2006 esse número já chegava a 35% (KELLER, 2006).

2.2. Segregação Vertical (ou “Teto de Vidro”) e Segregação Horizontal

Apesar da crescente movimentação das mulheres e do acesso/incentivo à pesquisa e ao ensino superior, as desigualdades hierárquicas permanecem: o diferencial de gênero aumenta de acordo com o grau de superioridade do cargo ocupado. Essa situação é denominada “teto de vidro”. Trata-se de uma barreira invisível que impede o acesso da mulher a postos de maior prestígio e rendimento, sendo uma segregação vertical. Consequente à essa condição, a disparidade de salários também é frequente (SANTOS; RIBEIRO [s.d.]).

Esse tipo de segregação se deve principalmente ao fato de as empresas entenderem que quanto mais alto o cargo, maior é o tempo despendido para sua realização. Além disso, há necessidade de disponibilidade do tempo do funcionário, muitas vezes integral (ARAÚJO; TONINI, 2019). Este é um ideal que passa longe de mulheres que empregam mais tempo e energia em tarefas domésticas e familiares do que os homens.

Além da falta de representatividade em altos cargos, as mulheres são minoria em áreas STEM (*science, technology, engineering and math* - ciências, engenharia, tecnologia e matemática). Para Granovskiy (2018), o termo STEM tange o ensino médio e aprendizado, da pré escola até o pós doutorado, de áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. O conceito envolve atividades formais (em sala de aula) e também as informais (programas e aulas extra curriculares realizadas fora do período escolar). Essa falta de representatividade nas áreas STEM é conhecida como segregação horizontal, onde falta a motivação e a visibilidade.

Por esse motivo é tão importante apresentar para as meninas desde cedo a possibilidade de se aventurar pelas áreas de exatas e ciências. Pensando nisso, inúmeros projetos foram criados, principalmente em escolas, para atrair o público feminino e demonstrar que a ciência também pode ser feita por mulheres.

Estas ações parecem estar surtindo efeito no Brasil de um modo geral. No relatório “Gender in the Global Research Landscape”, do ano de 2017, foi constatado que a participação feminina nos artigos científicos cresceu 11% em um período de 20 anos. O número de mulheres pesquisadoras também cresceu de 11% a 17% entre 1996 e 2015. Porém, nas áreas relacionadas a Matemática e Computação, mais de 75% dos artigos são de homens (TONINI; ARAUJO, 2019), o que confirma a existência de uma segregação horizontal.

A explicação para o distanciamento da mulher dessas áreas também se deve ao fato dela ser, historicamente, a cuidadora do lar e da família. No momento em que ela sai deste cenário, se empodera e vai para o mercado de trabalho e para a academia, as tarefas domésticas e familiares continuam recaindo sobre ela. O cuidado com os filhos, os pais idosos e os parentes mais próximos que precisam de atenção soterram a possibilidade de se dedicar mais tempo aos estudos e ao trabalho fora de casa.

2.3. Impactos da maternidade na carreira científica

Na ciência, segue-se o padrão masculino de dedicação em tempo integral. Porém, no momento em que a mulher se torna mãe, o tempo fica precisa ser destinado também aos cuidados com o bebê. Além disso, o papel de cuidadora da casa demanda horas consideráveis. Soma-se a isso a dedicação que a carreira acadêmica demanda e a mulher se vê precisando decidir em qual das atividades ela vai desempenhar um papel mais presente. Geralmente essa escolha é pelos filhos.

Conforme argumenta Velho (2006):

Uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se depara com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família vis-à-vis as exigências da vida acadêmica. Algumas sucumbem e optam pela família, outras, pela academia, e um número decide combinar as duas. Sobre essas últimas, não é necessário dizer quanto têm que se desdobrar para dar conta não apenas das tarefas múltiplas, mas também para conviver com a consciência duplamente culposa: por

não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto se esperaria (ou gostaria).

No site *www.parentinscience.com* há um compilado de informações e dados quantitativos que indicam a queda da presença feminina no cenário acadêmico usando como explicação os cuidados parentais, que é o foco voltado a parentes próximos que precisam de atenção rigorosa, principalmente os pais idosos e os filhos em fase de aprendizagem.

O site em questão aponta que o percentual de mulheres cai conforme se avança na carreira científica. Em 2018, as mulheres representavam 55% das bolsistas de Iniciação Científica, enquanto 36% eram bolsistas de produtividade em pesquisa (ASSIS, BOUERI, 2018).

Outro dado que corrobora com a teoria de que os cuidados parentais influenciam na carreira acadêmica é a porcentagem de alunos com filhos. Um em cada dez alunos possui filhos, e cerca de 65,5% destes estudantes dependem de auxílio da família para se dedicar aos estudos. Porém, apenas 5,2% contam com creches e redes de apoio na universidade (ANDIFES, 2019).

Dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) indicam que em 2019 as mulheres dedicaram cerca de 21,4 horas para trabalhos domésticos e cuidados com outras pessoas, enquanto os homens empregaram somente 11 horas (quase a metade). Além disso, a produção científica da mulher cai no primeiro ano após o nascimento do filho (MACHADO; ROCHA; MOREIRA, 2019), justamente pela necessidade de cuidado constante que a criança demanda da mãe, especificamente.

Ademais, os cuidados para com o bebê não são o único obstáculo nesse momento: o puerpério, processo de readaptação do corpo feminino (no âmbito físico e psíquico) após o nascimento de um filho, também requer atenção. Ou seja, unem-se os cuidados com uma nova vida que depende quase exclusivamente da mãe, os cuidados com ela mesma e as atividades domésticas cotidianas, que resultam em uma demanda de tempo que não abre brecha para trabalhos externos, como pesquisas acadêmicas e carreira. Considerando a análise de tempo gasta pelo homem com cuidados domésticos e familiares, pode-se presumir que a falta de tempo não é um problema para o público masculino. Além disso, o puerpério é uma fase vivida apenas pela mulher, que dura em média 8 semanas. A licença maternidade também é mais longa do que a licença paternidade: 6 meses no primeiro caso, cinco dias úteis no segundo.

Pelas complicações, demandas e mudanças que a maternidade acarreta na vida da mulher que faz pesquisa, o ambiente acadêmico começou a fazer algumas modificações e movimentos no sentido de acolher a mulher-mãe. Determinados editais levam em consideração a particularidade da maternidade. Alguns deles são:

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - Editais Nº 09/2019 (Programa Cientista do Nosso Estado 2019) e Nº 10/2019 (Programa Jovem Cientista do Nosso Estado 2019): “No caso de pesquisadoras que se tornaram mães nos últimos cinco anos (2014 a 2018) será acrescido um ano na contagem do tempo de defesa (ou seja, a data considerada passará a ser 1º de agosto de 2007) e no período de avaliação da produtividade (2013 a 2018). [...]”
- Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Edital PRPPG-UFRPE 04/2019 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica [PIBIC/CNPq/UFRPE e PIBIC/UFRPE] e Programa de Iniciação Científica Voluntária [PIC/UFRPE]): “As orientadoras que gozaram de licença maternidade (ou licença adotante, ou casos de orientadores que gozaram de licença paternidade/adotante por 120 ou 180 dias, conforme legislação vigente) nos últimos 5 anos, deverão se auto avaliar pelo período de 6 anos (desde 2013), quando tiverem um filho ou 7 anos para dois filhos ou mais (desde 2012), conforme a tabela de pontuação.”
- Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Edital 324/2020, Processo seletivo para ingresso de discentes no Programa de Pós-Graduação Multicêntrico em Ciências Fisiológicas, Mestrado e Doutorado Acadêmicos, 1º semestre de 2021: “6.4.4. Quarta etapa - avaliação do currículo lattes (classificatória, até 100 pontos): ... as candidatas que forem mães com filho(s) de idade até cinco anos de idade e comprovarem isso por meio de envio da certidão de nascimento do(s) filho(s) com a documentação comprobatória do currículo terão a nota final da avaliação do currículo multiplicada por 1,2, resultando em valor máximo de 100.”

Além destes incentivos, uma medida adotada pela Plataforma Lattes, no Currículo Lattes, contribui muito para a visibilidade das mães: a inclusão de um campo que permite que a pesquisadora inclua seus períodos de licença maternidade. A conquista permite que as mulheres apontem o impacto acadêmico que vai muito além de 180 dias.

Porém, durante o período da pandemia do COVID-19, o cenário da disparidade dos cuidados parentais entre homens e mulheres se intensifica. A necessidade de se manter em casa e evitar ao máximo o contato humano faz com que os pais passem

mais tempo com seus filhos - inclusive durante o trabalho, que passou a ser realizado de forma remota por inúmeras famílias. A criança não foi mais à escola, não podia ficar com uma babá ou com outro integrante da família, mas ao mesmo tempo precisava manter as atividades educativas e de alfabetização que realizava antes, além de precisar dos cuidados básicos como alimentação, higiene e etc. Quem realizou este papel de educadora e cuidadora em tempo integral, na grande maioria das vezes, foi a mãe. Além disso, a mulher também se dividiu entre as reuniões do trabalho, produção de pesquisa (no caso das que seguem carreira acadêmica), o preparo das refeições e o cuidado com a casa.

Em um levantamento realizado pelo site *Parents in Science*, 40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos durante a pandemia, contra 20% dos homens. A professora do Campus Litoral Norte da UFRGS e uma das integrantes do *Parents in Science* Rossana Soletti conta que “editores de revistas científicas de vários países começaram a afirmar que nunca tinham visto uma queda tão brusca na submissão de artigos por mulheres, como está acontecendo agora na pandemia”.

Uma pesquisa realizada pela revista DADOS aponta que houve uma queda brusca de submissões de mulheres durante a pandemia. O ano de 2020 começou com a submissão de 40% de autoras, o que se aproxima muito da média. Porém, no segundo trimestre (período considerado muito crítico durante a pandemia), as mulheres assinavam apenas 28% dos artigos submetidos (CANDIDO; CAMPOS, 2020)

Por todos os motivos aqui apontados e exemplificados, este trabalho de conclusão de curso analisará a vida acadêmica de homens e mulheres, partindo do ponto de vista dos cuidados parentais, para explicar sua ascensão ou estagnamento acadêmico. Conforme anteriormente referido, o objetivo principal é analisar, de forma quantitativa, se/como estas pessoas percebem o impacto do cuidado com os filhos, família e deveres de casa sobre suas atividades acadêmicas e produção científica. Na seção seguinte, detalharemos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

3. METODOLOGIA

Para Fonseca (2002), metodologia é a organização dos caminhos trilhados e ferramentas utilizadas para realizar uma pesquisa científica. Método, por sua vez, é explicado pelo autor como um conjunto de normas básicas que devem ser seguidas com a finalidade de gerar um conhecimento científico. Minayo (2003) afirma que não há um método melhor ou pior, mas sim o ideal, que ajuda o pesquisador a alcançar seus objetivos, seja através da abordagem quantitativa ou qualitativa. Uma não exclui a outra, mas complementa, podendo ser aplicadas em um mesmo estudo ao mesmo tempo. O importante é fazer uso das ferramentas de forma adequada e coerente, atendendo as necessidades da pesquisa.

A pesquisa qualitativa faz direcionamentos para que os fatos possam ser entendidos, descritos e interpretados. Nesta modalidade, o pesquisador mantém contato direto e interativo com seu objeto de pesquisa. Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa é mais indicada para estudar os fenômenos ou fatos que envolvem seres humanos e suas relações sociais em ambientes diversos (acadêmico, familiar, profissional e etc.). Ela não busca enumerar e nem medir eventos, mas sim analisar de forma racional os resultados obtidos.

Esta modalidade é geralmente realizada no local de origem dos fatos estudados (pesquisa de campo), compreendendo o contexto onde eles ocorrem e considerando suas individualidades. Os resultados são demonstrados através de pensamentos lógicos, que fazem sentido após um tratamento secundário feito pelo próprio autor. A abordagem qualitativa abdica de quase todas as ferramentas matemáticas, preferindo o uso de palavras orais e escritas, símbolos, costumes, vivências e imagens. Em seu planejamento, a pesquisa qualitativa é flexível e não tem regras precisas, sendo adaptada de acordo com a necessidade.

Já a pesquisa quantitativa segue um plano rigorosamente estabelecido, com hipóteses e variáveis previamente definidas pelo pesquisador. Esta forma de pesquisa enumera e mede eventos de forma precisa, fazendo uma análise estatística dos dados obtidos em um estudo. Costuma ser utilizada para medir opiniões, preferências de público por determinada marca ou produto (no marketing, por exemplo), e atitudes.

Na abordagem quantitativa, os dados aparecem “sozinhos”. Não é preciso fazer uma análise social ou secundária, pois o objetivo é a obtenção de dados numéricos, que são exemplificados através de gráficos, tabelas, estatísticas. É um método que

delimita e controla variáveis, onde não há a necessidade de contexto. O pesquisador pode manter distância do processo de estudo, pois o método de conclusão utilizado é dedutivo, e a análise é meramente numérica. Ela também busca por generalizações, utiliza elementos específicos e bem delimitados para alcançar resultados.

Porém, essa ferramenta causa certa desconfiança por se tratar de uma análise numérica, sem levar em consideração as variáveis sociais em um estudo. Nem todo fato pode ser mensurado apenas quantitativamente, sem um exame do contexto social e do comportamento individual humano. Por isso é interessante que as duas abordagens caminhem juntas, para que o resultado de determinado estudo seja o mais coerente e completo possível.

Concomitante a essas ferramentas, há também o método *survey*. Para Fonseca (2002), este pode ser detalhado como um conjunto de dados ou informações sobre ações, opiniões e características de um grupo obtido através de um instrumento de pesquisa, usualmente um questionário.

Esse método é indicado quando há necessidade de responder perguntas de natureza “o quê, porquê, como e quanto”. Para realizar a pesquisa, é definido uma amostra de público, de forma a tornar os resultados mais claros. Essa amostra é um representativo da população, e por isso deve ser selecionada segundo critérios racionais. Esta amostra pode ser uma ou mais empresas, famílias, pessoas, cidades. Atualmente, com o avanço da tecnologia, é mais simples alcançar o público desejado.

As pesquisas do tipo *survey* resultam em análises quantitativas obtidas a partir de respostas obtidas em questionário fechado, empregado na amostra populacional. Quando a intenção é obter dados qualitativos, o pesquisador deve optar por entrevista, observação e análise documental ao invés de *survey*. Já para os quantitativos, é importante dar preferência a amostras probabilísticas e coleta de dados (SILVA et al., 2019). Esse tipo de pesquisa permite que o pesquisador documente processos mais complexos.

Podendo estar presente tanto nas pesquisas qualitativa quanto quantitativas, há também a pesquisa exploratória. Ela permite maior familiaridade com o problema de pesquisa, além de torná-lo mais explícito e construir hipóteses. Geralmente, elas assumem a forma de pesquisa bibliográfica, sendo uma forma de complementar a abordagem qualitativa.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar se o impacto acadêmico é diferente para homens e mulheres, partindo do ponto de vista dos cuidados parentais.

É uma pesquisa de caráter descritivo, por analisar o comportamento e características de um determinado grupo, e também exploratória, pois cria hipóteses e proporciona maior familiaridade com o problema em questão. O objetivo principal é analisar através do método *survey* quantas dessas pessoas veem seu crescimento acadêmico e pessoal adiado pelo cuidado com os filhos, família e deveres de casa.

Para a obtenção desses dados, foi aplicado um questionário de 30 perguntas (ver Apêndice B desta monografia), 29 fechadas e 1 aberta, respondido por uma amostra de professores de três departamentos de graduação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos): Ciência da Informação, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar. Serão analisados os seguintes departamentos e seus docentes:

Tabela 1 – Docentes dos Departamentos de Ciência da Informação, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica, por gênero e ocupação

	DCI	DEE	DTO	Substituta (o)	Assistente	Adjunta (o)	Associada (o)	Titular
Docentes do sexo feminino (n=42)	10	3	29	1	1	21	13	6
Docentes do sexo masculino (n=26)	8	18	0	1	-	16	8	1

Fonte: Elaboração própria.

Os dados dos docentes foram obtidos nos sites institucionais dos departamentos acadêmicos da UFSCar, no mês de março de 2022 e complementados com consulta à Plataforma Lattes, para verificação do *status* atualizado do cargo/classe de cada um (se professor(a) assistente, adjunto, associado ou titular).

Cumprir observar que o mesmo instrumento de coleta de dados (questionário) foi enviado aos docentes separados em dois grupos: docentes mulheres (efetivas e substitutas) e docentes homens (efetivos e substitutos), visando analisar de forma desagregada, mediante o recorte de gênero, o impacto da rotina doméstica e cuidados parentais sobre seu trabalho acadêmico e sua produção científica, a fim de verificar a confirmação parcial ou total, ou a não confirmação, das seguintes hipóteses:

1) o impacto dos cuidados parentais, com filhos, pais ou outros vínculos familiares, sobre o tempo disponível para planejamento de aulas, pesquisa, coleta de dados, redação de artigos científicos e orientações é maior sobre as docentes mulheres que sobre os docentes homens, efetivos ou substitutos;

2) o impacto destes cuidados é maior entre docentes efetivos em relação a docentes substitutos, tendo em vista as demandas e obrigações referentes às exigências contratuais dos primeiros, vis-a-vis os segundos. Neste grupo, o impacto dos cuidados parentais também incide com mais intensidade entre mulheres.

Este conjunto de docentes dos departamentos foi selecionado como amostra de conveniência tendo em vista as seguintes características: a) são vinculados a departamentos que estão inseridos em um dos três centros do campus de São Carlos da UFSCar, a saber, CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas), CCET (Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia) e CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde); b) representam diferentes áreas de conhecimento: ciências sociais aplicadas, saúde e engenharias c) apresentam diferentes situações relativas a distribuição por gênero de docentes - do relativo equilíbrio entre o número de docentes mulheres e homens (DCI – Departamento de Ciência da Informação) à concentração do gênero masculino (DEE – Departamento de Engenharia Elétrica) ou feminino (DTO – Departamento de Terapia Ocupacional), confirmando as hipóteses evidenciadas pela literatura sobre segregação horizontal ou temática, referente à feminilização de áreas de trabalho e pesquisa associadas ao cuidado (caso da Terapia Ocupacional) e à sub-representação feminina nos campos das Ciências Exatas e Engenharias.

Este projeto foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Carlos, com número de CAAE 54149321.4.0000.5504. O parecer positivo, ou seja, aprovação do Comitê, se deu no dia 23 de março de 2022, com número 5.307.568.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme referido na página 30, o instrumento de coleta de dados foi um questionário (ver Apêndice B desta monografia), enviado através de e-mail, no dia 6 de abril de 2022, aos professores de três departamentos de graduação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos): Ciência da Informação, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica, segundo dados anteriormente referidos na Tabela 1 (p.24), deste trabalho.

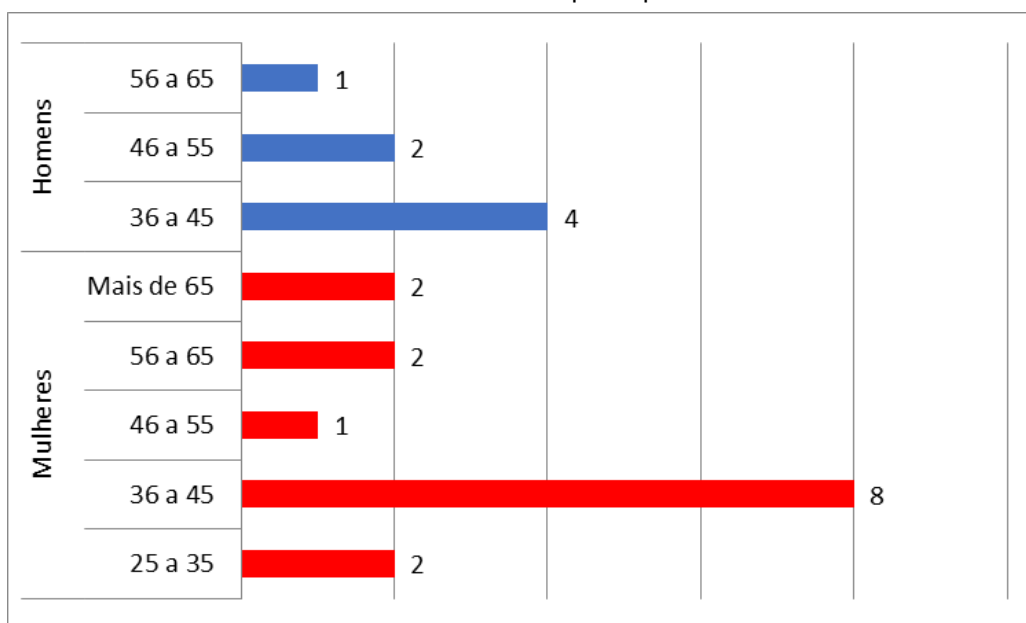
Após baixo retorno de respostas ao questionário, ele foi enviado novamente no dia 14 de abril de 2022. A coleta foi encerrada em 10 de junho de 2022.

Ao todo, foi obtido um retorno da parte de 22 respondentes ao questionário aplicado, sendo 15 de mulheres e 7 de homens. Este dado sugere que, possivelmente, a temática do impacto dos cuidados parentais sob a carreira acadêmica e produção científica sensibiliza mais mulheres do que homens.

Nas seções seguintes, são apresentados e discutidos os resultados para cada categoria de análise do instrumento de coleta de dados.

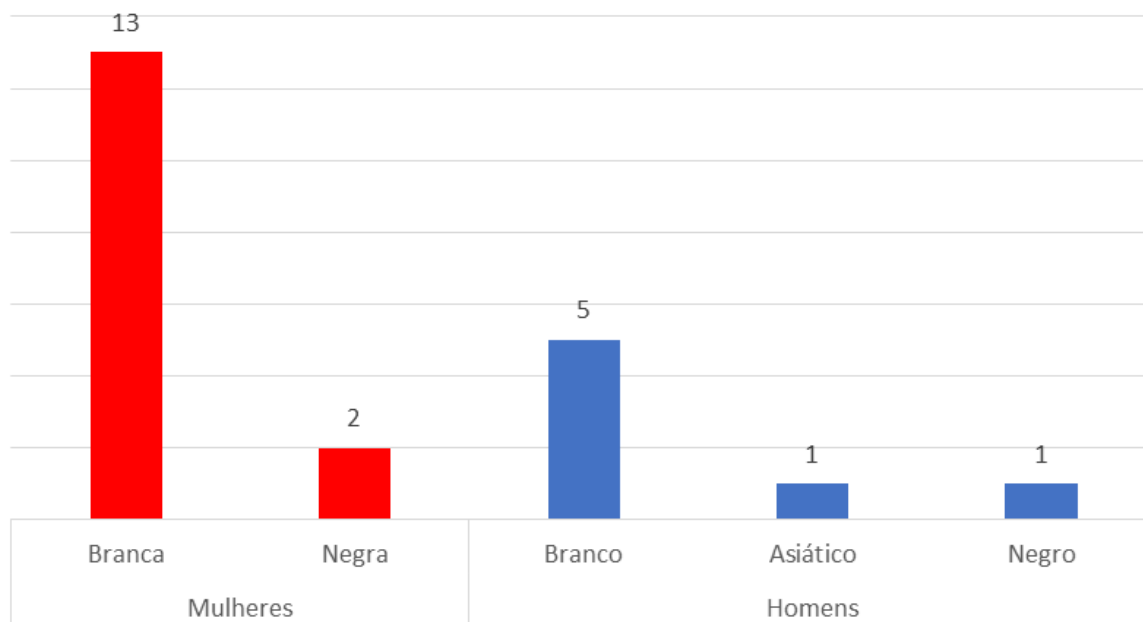
4.1. Perfil do/da docente e estrutura familiar

Em relação à faixa etária, a maior parte das mulheres (N=8) e dos homens (N=4) que responderam ao questionário têm de 36 a 45 anos, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Faixa etária de homens e mulheres participantes.

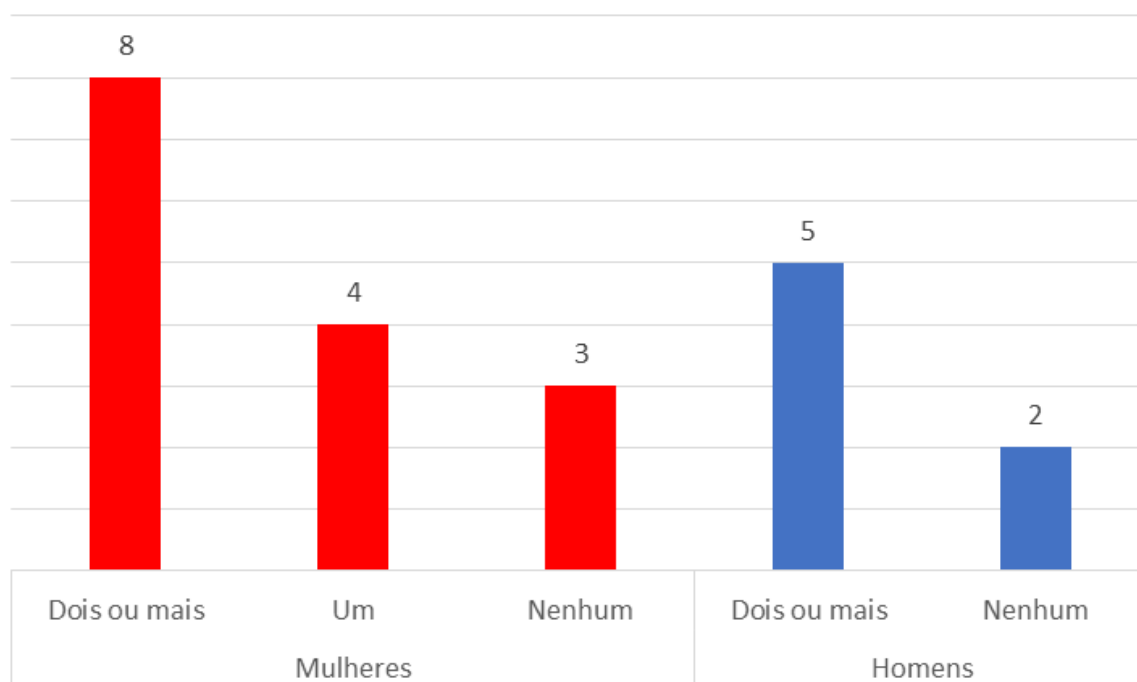
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A maioria se identifica como branco (N=13, no caso das mulheres, e N=5, no caso dos homens), conforme mostrado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Características étnicas de homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Quanto à estrutura familiar, a maioria possui dois ou mais filhos, sendo N=8 no caso das mulheres e N=5 para os homens, conforme gráfico 3.

Gráfico 3 - Quantidade de filhos, por gênero, dos participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A idade dos filhos dos(as) docentes foi o tema da questão número 20. Se tratava de uma pergunta de múltipla escolha, que dava a possibilidade do(a) respondente assinalar mais de uma alternativa, de acordo com a quantidade de filhos. As idades assinaladas são variadas, sendo em sua maioria filhos maiores de 18 anos.

Considerando o anonimato dos participantes, foram dados números a cada um deles para demonstrar as opções assinaladas. 12 mulheres e 5 homens indicaram ter filhos. As informações constam nas tabelas 2 e 3, apresentadas abaixo:

Tabela 2 - Faixa etária dos filhos das mulheres.

Idade dos filhos - Mulheres	Participante	Idade dos filhos
	1	Mais de 18 anos
	2	Mais de 18 anos
	3	8 a 12 anos
	4	4 a 7 anos, 8 a 12 anos
	5	8 a 12 anos
	6	0 a 3 anos
	7	4 a 7 anos, 8 a 12 anos
	8	0 a 3 anos, 4 a 7 anos
	9	Mais de 18 anos
	10	Mais de 18 anos
	11	Mais de 18 anos
	12	0 a 3 anos

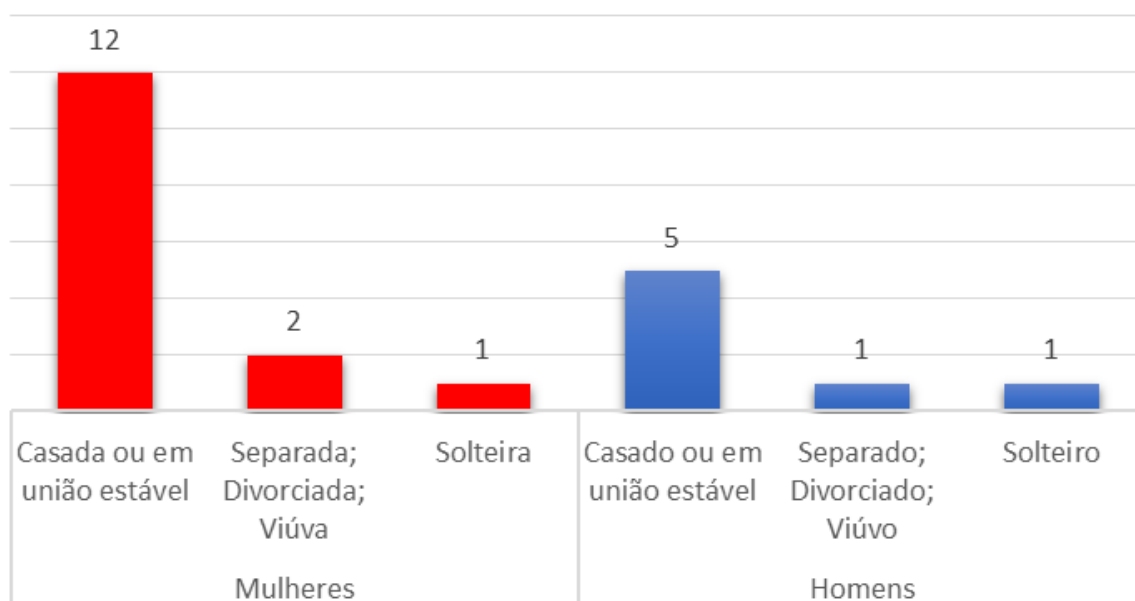
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Tabela 3 - Faixa etária dos filhos dos homens participantes.

Idade dos filhos - Homens	Participante	Idade dos filhos
	1	4 a 7 anos, 8 a 12 anos, 13 a 18 anos
	2	13 a 18 anos
	3	Mais de 18 anos
	4	8 a 12 anos, 13 a 18 anos
	5	0 a 3 anos, 4 a 7 anos

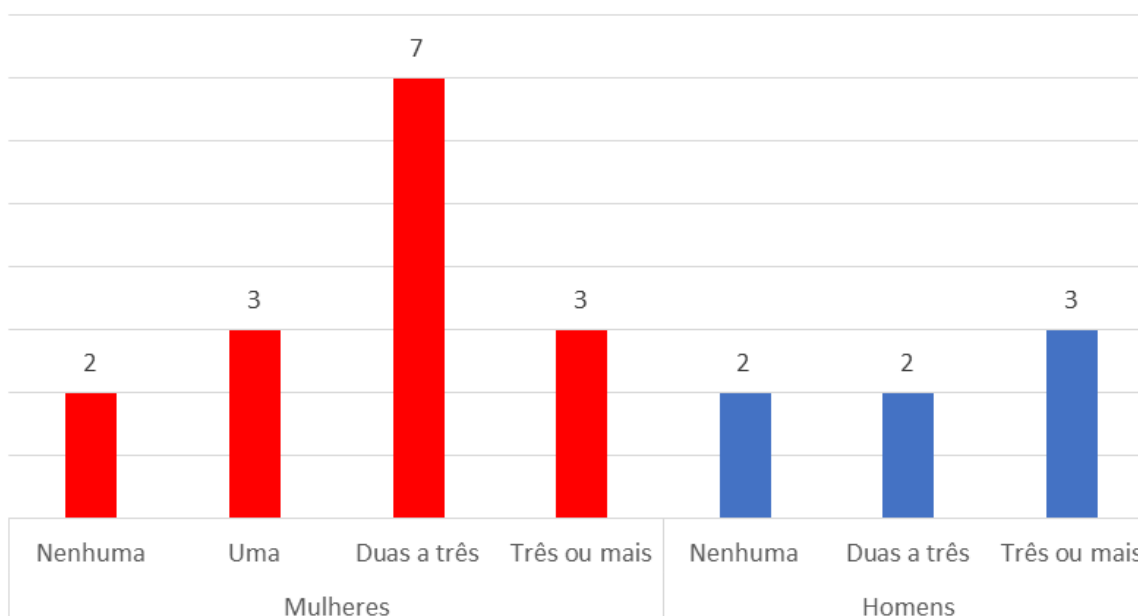
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A maior parte dos respondentes também são casados ou estão em uma união estável, conforme indica o gráfico 4.

Gráfico 4 – Estado civil de homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Quanto à estrutura familiar em casa, a maioria das mulheres indicou que moram com mais duas ou três pessoas (N=7), enquanto a maioria dos homens indicou morar com três ou mais pessoas (N=3).

Gráfico 5 - Quantidade de pessoas que moram com os homens e com as mulheres participantes.

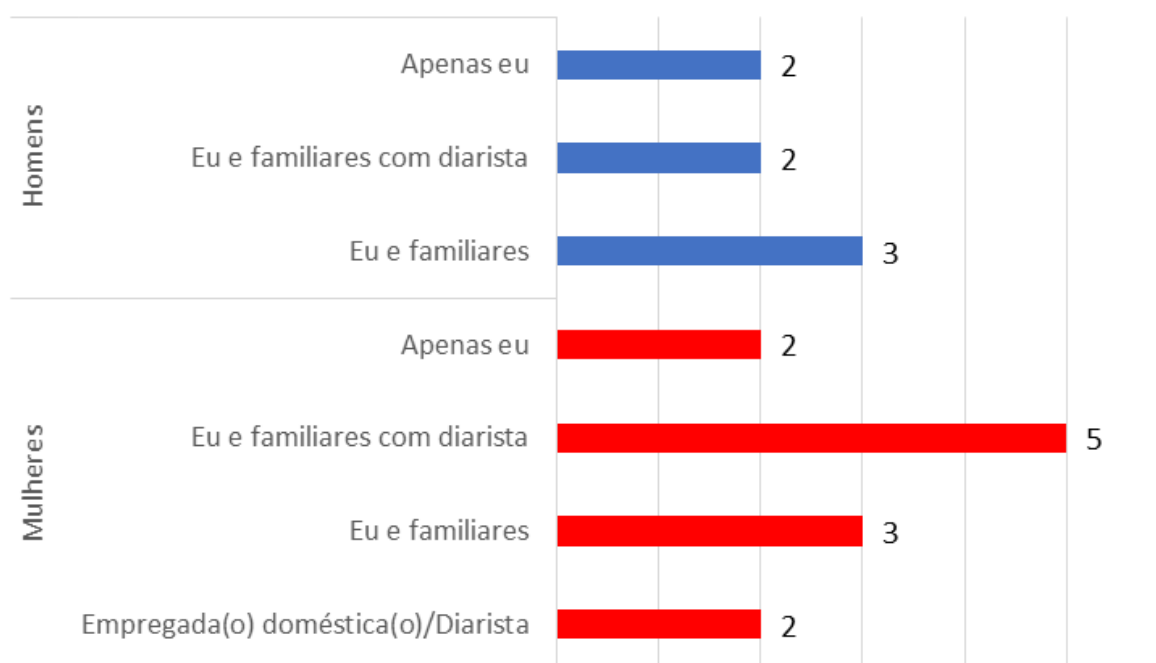
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Os resultados explicitados nas tabelas 2 e 3 e nos gráficos 4 e 5 são complementares entre si, pois indicam que há uma estrutura familiar robusta na casa dos respondentes.

4.2. Distribuição das tarefas domésticas e impacto dos cuidados parentais

A questão que trata especificamente de tarefas domésticas, de número 23, dava a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa e de complementar a opção “outros” com uma resposta aberta. Não houveram complementações. A maioria das mulheres (N= 5) respondentes indicou que realiza as tarefas com familiares e diaristas. Já a maioria dos homens (N=3) selecionou a opção que indica que realizam as tarefas domésticas em conjunto com a família.

Gráfico 6 - Realização de tarefas domésticas entre homens e mulheres.

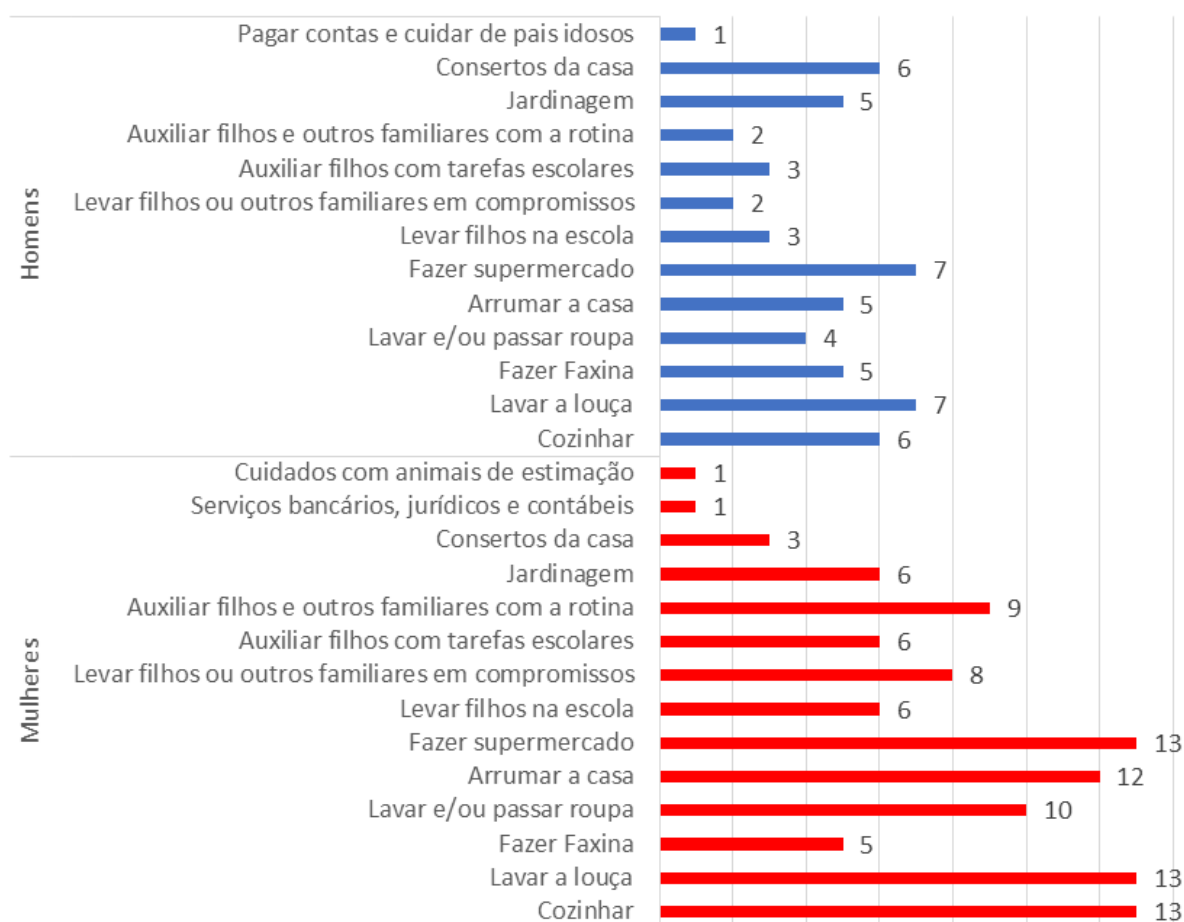


Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Já na questão de atividades domésticas que são realizadas pelo menos uma vez por semana (questão de número 24), as opções eram abertas e existia a possibilidade de selecionar mais de uma alternativa.

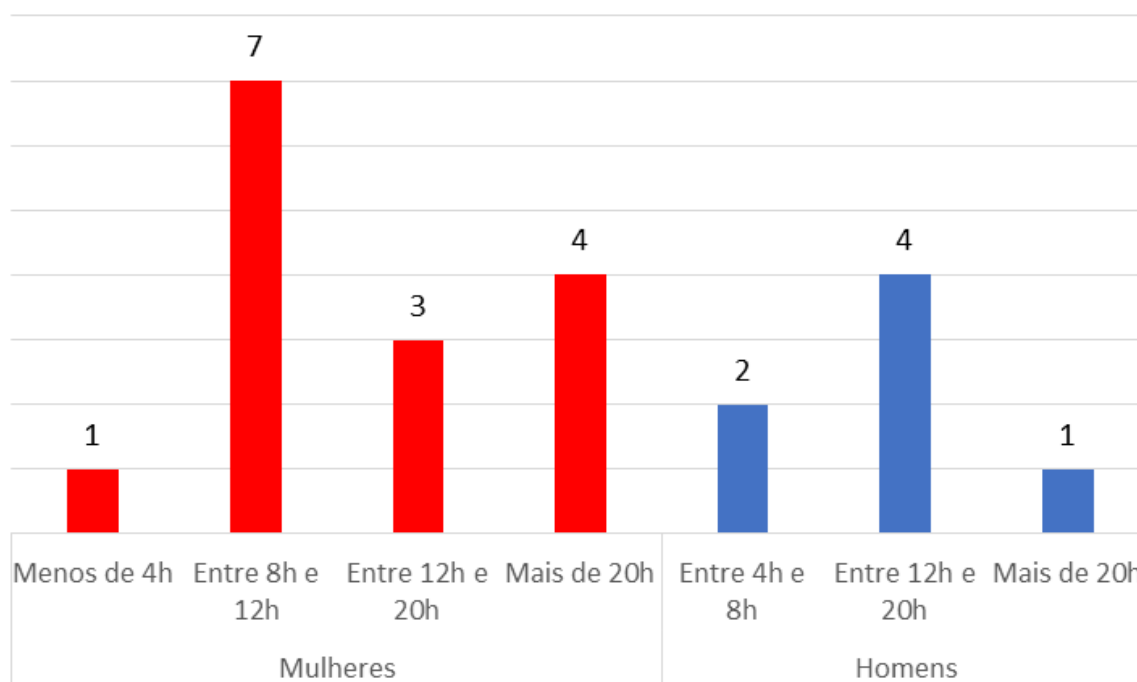
Não houve grande disparidade de resultados se considerada a quantidade de respostas obtidas por homens e mulheres, mas um ponto a se considerar é a disparidade de resultados na opção “auxiliar filhos e outros familiares com a rotina”. No caso das mulheres, mais da metade das respondentes (N=15) assinalou essa alternativa (N=9). Já os homens respondentes (N=7), foram menos da metade (N=2). Os resultados podem ser analisados no gráfico 7.

Gráfico 7 - Principais atividades realizadas semanalmente por homens e mulheres participantes.



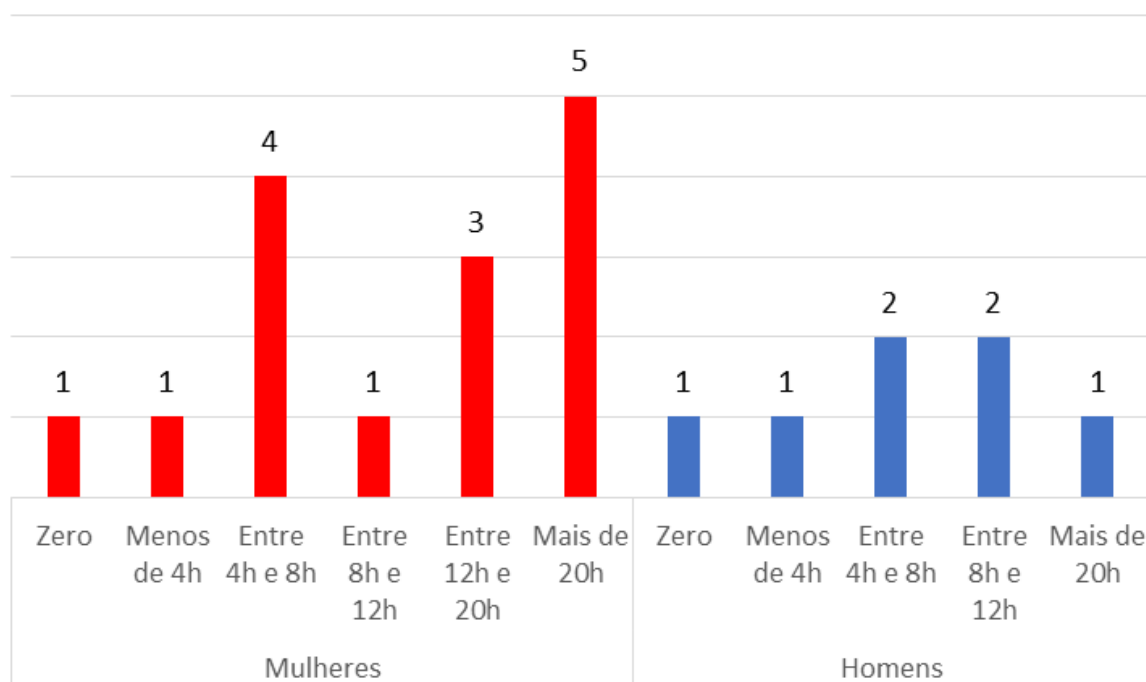
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Para as atividades realizadas, a maioria das mulheres (N=7) gasta entre 8h e 12h semanais; enquanto os homens (N=4) indicaram despende entre 12h e 20h.

Gráfico 8 - Horas gastas para atividades semanais por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Quanto aos cuidados parentais, a maioria das mulheres indicou (N=5) gastar mais de 20h semanais em atividades que são relacionadas a cuidar de pessoas (crianças, idosos, irmãos etc), sendo um deles uma pessoa com deficiência (PCD). Já no caso dos homens, o número de horas gastas com esta finalidade é menor. Apenas um indicou que gasta mais de 20h cuidando de pessoas.

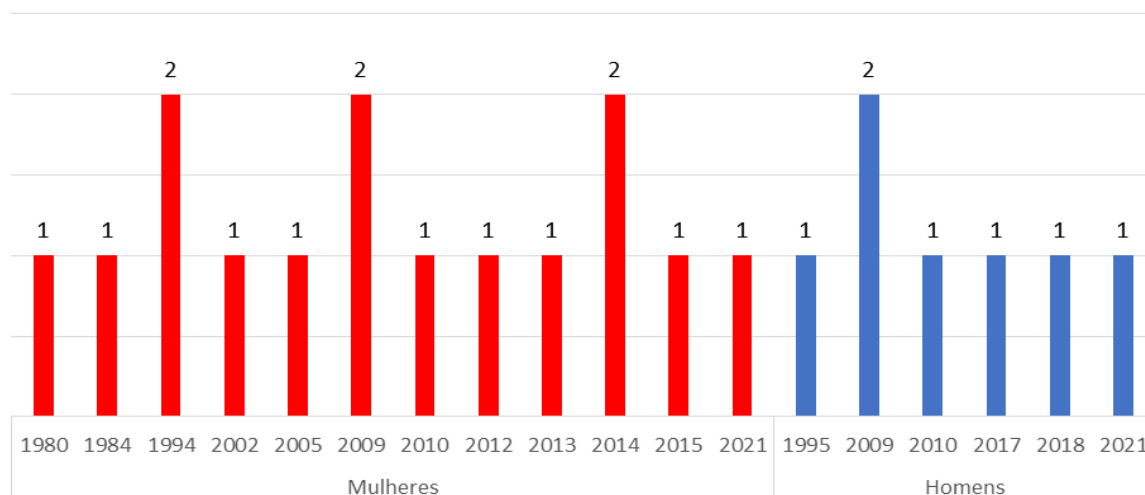
Gráfico 9 - Horas gastas para cuidados parentais por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

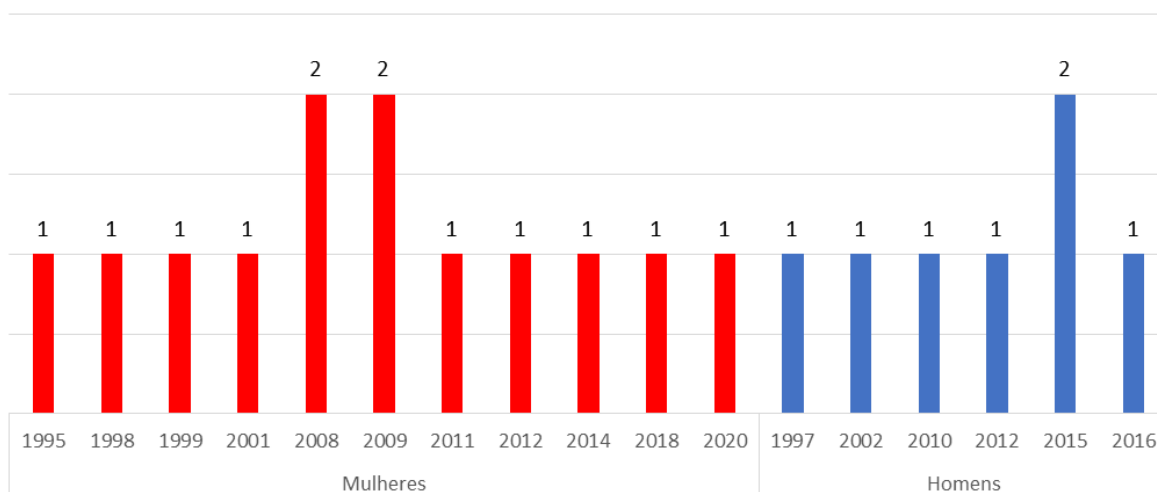
4.3. Carreira acadêmica e científica

Todos os homens e mulheres que responderam à pesquisa indicaram ter como titulação mais alta o doutorado.

O ano de ingresso no magistério superior varia entre os gêneros, bem como o ano da obtenção da titulação mais alta, conforme indicado nos gráficos 10 e 11, respectivamente.

Gráfico 10 - Ano de ingresso no magistério superior por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Gráfico 11 - Ano de obtenção da titulação mais alta por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A área de estudo da obtenção da titulação mais alta também varia bastante entre homens e mulheres. As áreas indicadas foram:

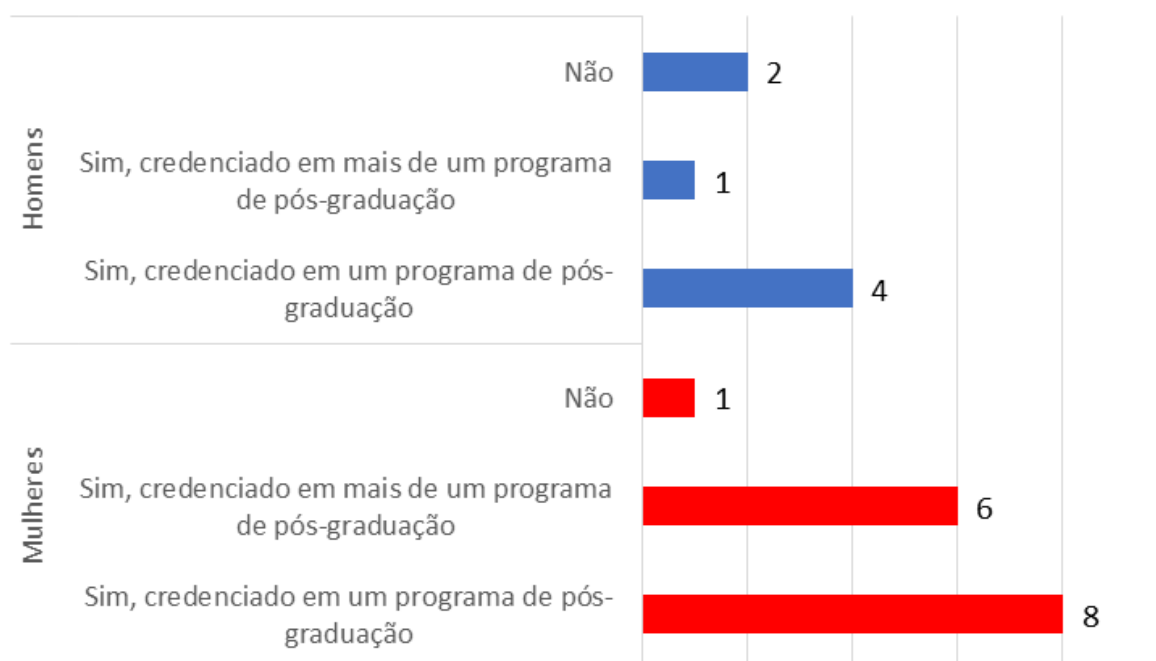
Tabela 4 - Áreas de maior titulação por homens e mulheres participantes.

Área de formação	Mulheres	Quantidade	Homens	Quantidade
	Educação	4	Engenharia de Produção	2
	Ciência da Informação	3	Engenharia Elétrica	2
	Saúde Coletiva	2	Engenharia	1
	Saúde Pública	1	Ciência da Informação	2
	Interdisciplinar	1		
	Política Científica e Tecnológica	1		
	Bioengenharia	1		
	Educação Especial	1		
Ciência, tecnologia e sociedade	1			

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A avaliação dos dados indica a clara concentração de mulheres com titulação mais alta nas Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Saúde e áreas Interdisciplinares e a concentração de homens nas Engenharias. Isto é uma clara evidência de segregação horizontal ou temática, anteriormente citada no tópico 2.2 - Segregação Vertical (ou “Teto de Vidro”) e Segregação Horizontal.

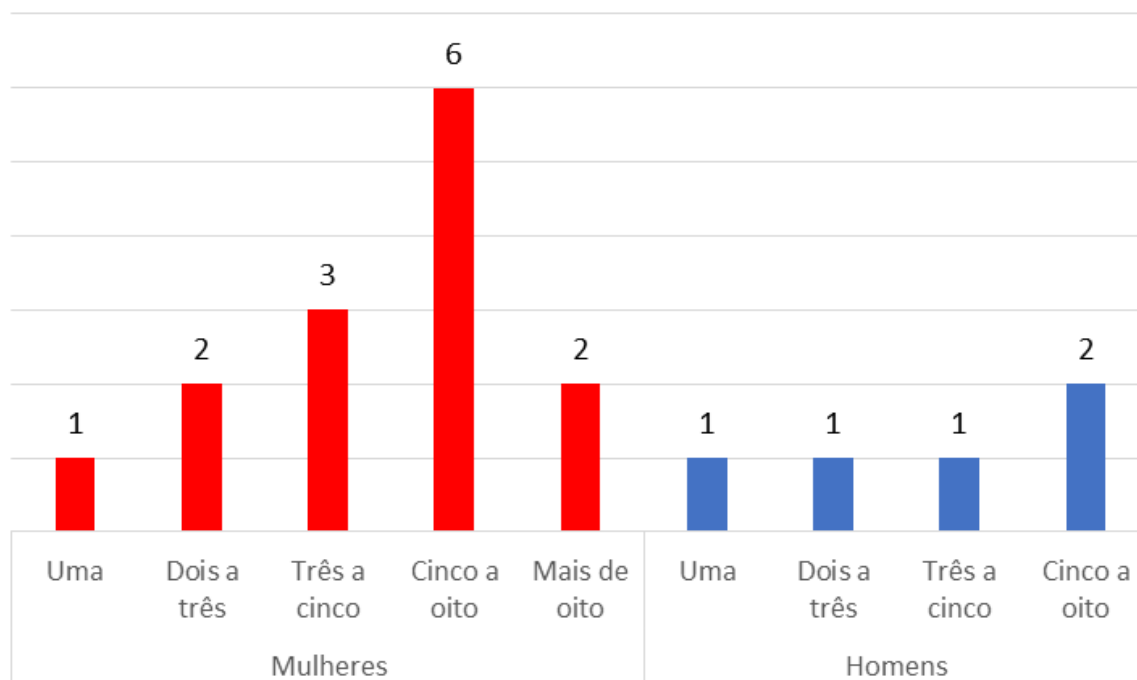
A maioria das mulheres (N=8) e homens (N=4) indicaram ser docentes de pós-graduação *stricto sensu*, conforme indicado no gráfico 12.

Gráfico 12 – Docência em cursos de pós-graduação *stricto sensu* por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

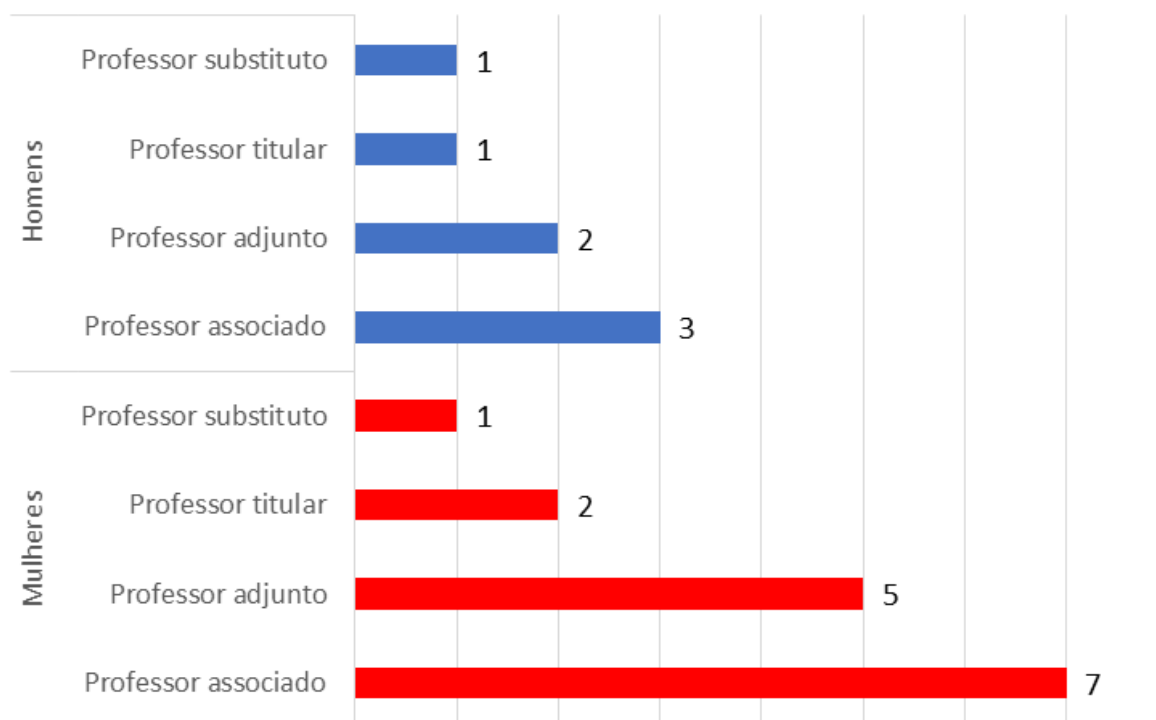
Além disso, as mulheres indicaram ter de 5 a 8 orientações em curso (N=6), bem como os homens (N=2).

Gráfico 13 - Orientações em curso por homens e mulheres participantes.



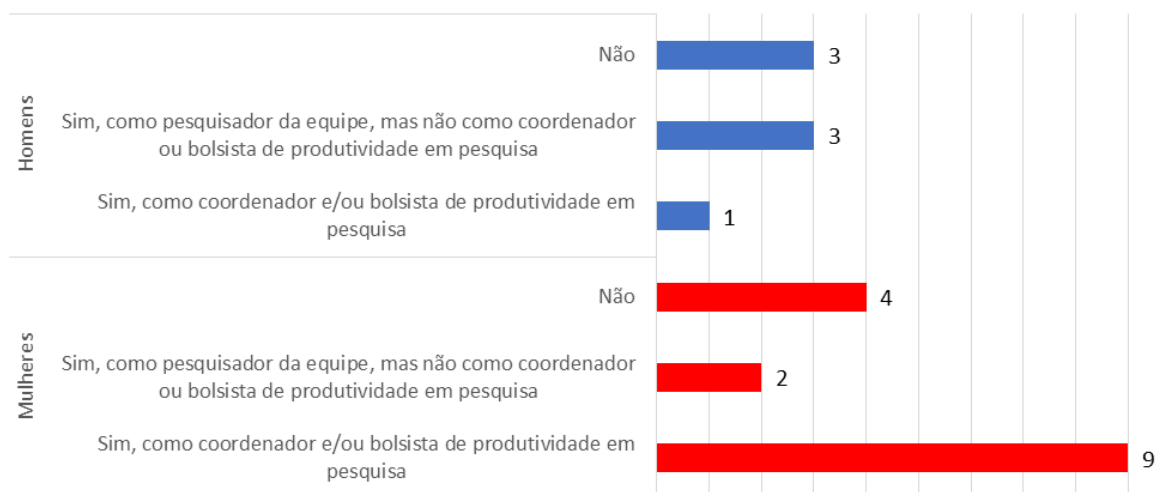
Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A maioria das mulheres (N=7) e dos homens (N=3) indicaram ser professores associados, conforme indicado no gráfico 14.

Gráfico 14 - Cargos ocupados por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

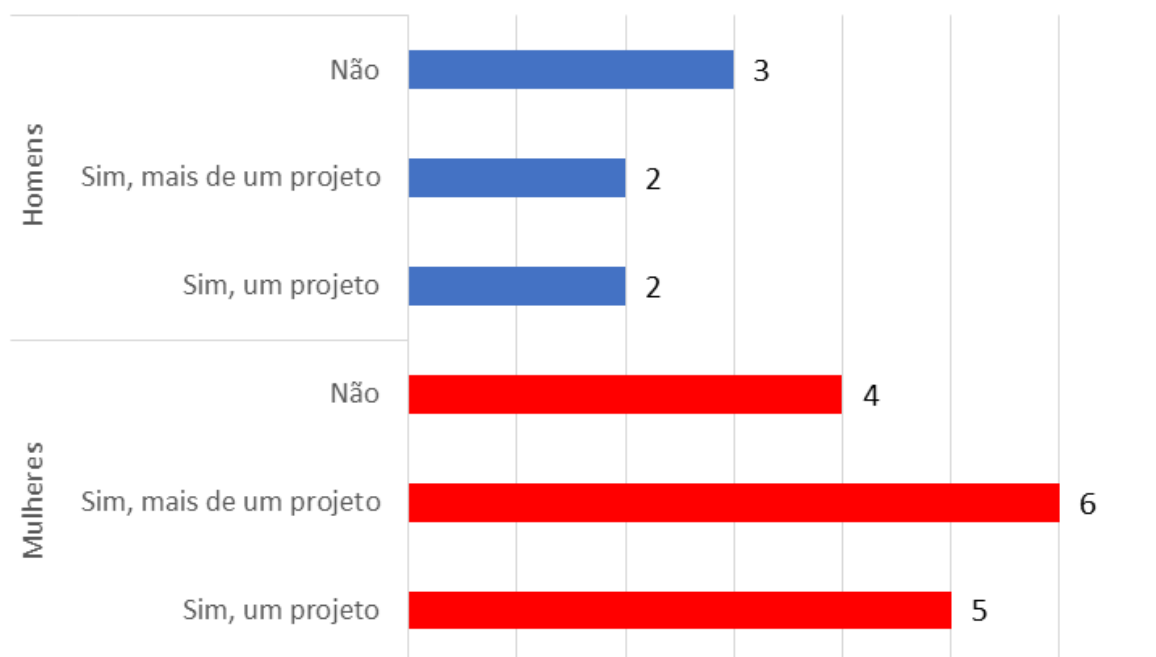
No período de 2019 a 2021, a maioria das mulheres (N=9) atuou como coordenador e/ou bolsista de produtividade em pesquisa. Já os homens indicaram não terem participado de projetos (N=3) ou terem participado, mas apenas como pesquisador, e não coordenador (N=3).

Gráfico 15 - Projetos de pesquisa realizados por homens e mulheres participantes.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Além disso, as mulheres (N=6) realizaram mais orientações em projeto de iniciação científica do que os homens no período de 2019 a 2021, como mostrado no gráfico 16.

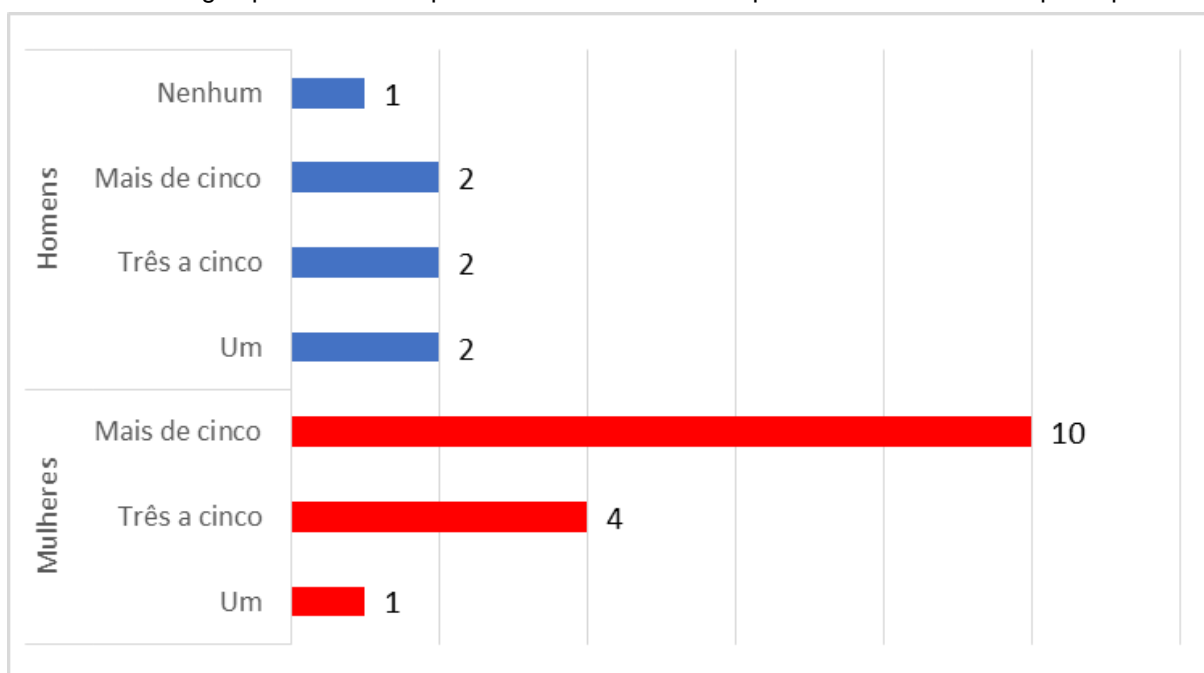
Gráfico 16 - Projetos de iniciação científica orientados realizados por homens e mulheres participantes.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

No período de 2019 a 2021 as mulheres publicaram, majoritariamente, mais de cinco artigos em periódicos científicos (N=10), ao passo que os homens variaram de um a cinco.

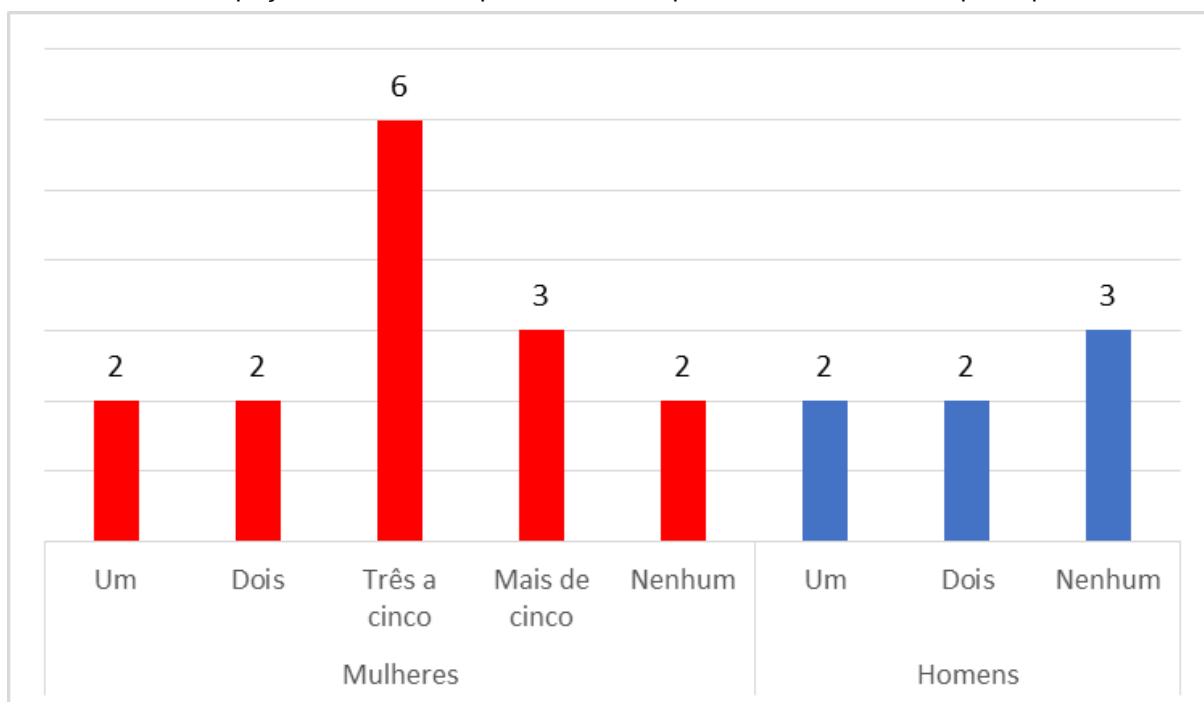
Gráfico 17 - Artigos publicados em periódicos de 2019 a 2021 por homens e mulheres participantes.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Quanto à participação em livros e capítulos de livros, no mesmo período, as mulheres tiveram maior produção (N=6), sendo de três a cinco. Já os homens, em sua maioria (N=3), não fizeram este tipo de publicação, como indicado no gráfico 18.

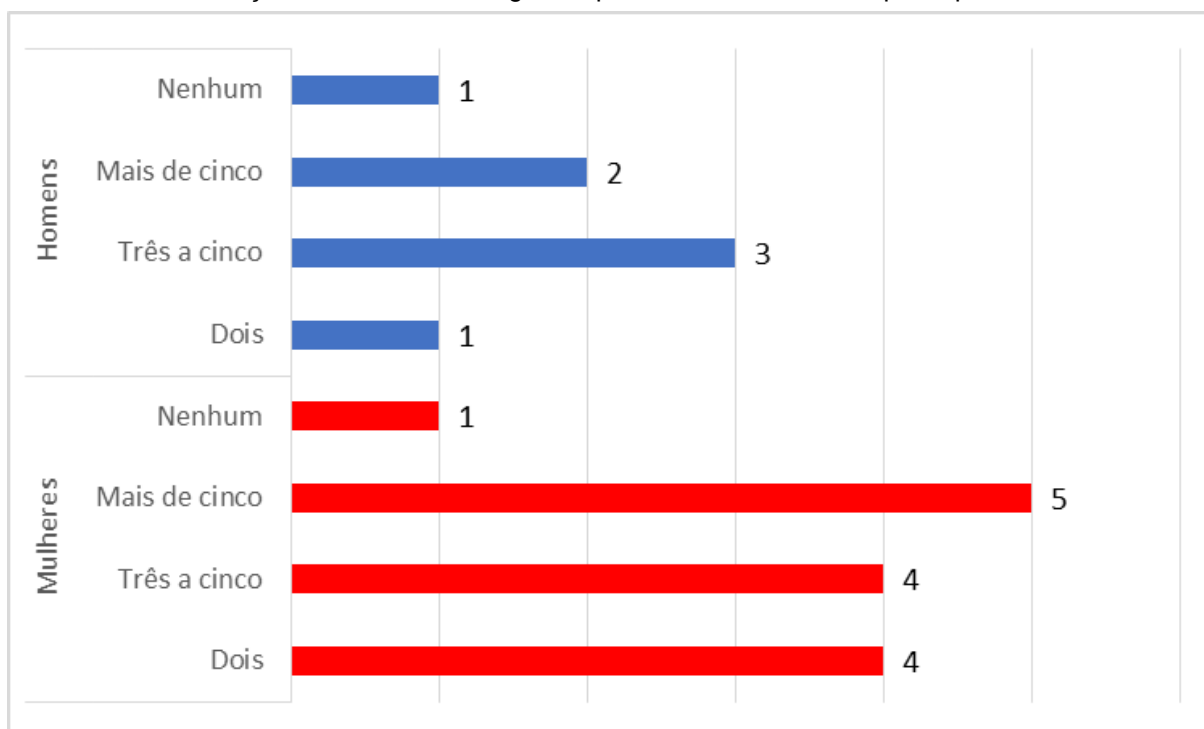
Gráfico 18 - Participação em livros e capítulos de livros por homens e mulheres participantes.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

A questão número 15 foi referente a quantidade de publicações realizadas em anais de congresso no período de 2019 a 2021. Como resultado, identificou-se que as mulheres realizaram, em sua maioria (N=5), mais de cinco publicações. Já os homens, de três a cinco (N=3), conforme explicitado no gráfico 19.

Gráfico 19 - Publicações em anais de congresso por homens e mulheres participantes.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos através de questionário aplicado (2022).

Além disso, todos os participantes, homens e mulheres, indicaram ter sentido menos tempo disponível para planejamento e execução de tarefas acadêmicas durante a pandemia do COVID-19.

4.4. Questão aberta

O questionário contou também com uma questão livre, em que as pessoas poderiam registrar uma resposta aberta ou comentário relativo aos impactos dos cuidados parentais/familiares sobre a carreira acadêmica.

Considerando que o anonimato foi garantido no começo do questionário e não houve nenhuma forma de identificação dos participantes, as respostas serão aqui registradas sem identificação, contendo apenas o relato, considerando sua relevância para esta pesquisa por se tratar de uma narração de experiência de vida.

Em uma das respostas, uma docente do gênero feminino indicou que sente *“aumento dos cuidados, sobrecarga de trabalho, aumento de demandas, adoecimento e aumento de preocupações”*. Uma segunda disse: *“Ao longo dos anos, a necessidade de priorizar os cuidados aos familiares me fez enxergar minha carreira acadêmica menos como uma carreira em si, e mais como um emprego que me fornece um salário para sustentar a família. Ou seja, perdi totalmente a ambição de "subir na carreira acadêmica" e entendo que para ser considerada "bem sucedida" na academia, você tem que ser uma pessoa ambiciosa. No entanto, não vejo como problemático ter perdido minha ambição: há muito egoísmo quase "necessário" na academia, e me sinto aliviada por ter optado estar fora desse jogo!”*.

Além disso, algumas também relataram o impacto da pandemia na vida acadêmica: *“Muitas produções em curso no período desta pesquisa foram fruto de períodos anteriores à pandemia, assim artigos publicados e projetos de pesquisa já estavam em curso. Acredito que o impacto da pandemia na vida acadêmica, em termos de "produção", será visto em 2022 e 2023”*. Uma outra mulher fez uma colaboração dizendo *“Apenas destaco que tais atividades de docência já demandavam e sobrecarregavam muito antes da pandemia. Trabalhamos em uma dedicação exclusiva, que se extrapola com os indicadores que precisamos alcançar, ou mesmo, uma internacionalização, tão cobrada. Todas essas atividades apenas se somaram com a situação de afazeres domésticos e cuidados parentais, com as crianças e nossos pais. Nesse movimento remoto, não foi possível fazer uma separação, uma dinâmica tão bem definida, principalmente para famílias sem uma rede de apoio. Assim, a atenção foi para as demandas mais urgentes, muitas administrativas, e a produção e pesquisa acabaram sendo deixadas para um momento melhor. Que ainda não chegou”*.

Houve também a indicação da relação da pandemia com a academia e também com a vida pessoal: *“O tempo que eu tinha para o planejamento das atividades de pesquisa (leitura, coleta de dados, sistematização, análise, escrita) era o turno vespertino, em que minha filha frequenta a escola. Com a pandemia, suas aulas passaram a ser online, em casa, por um ano e meio, num ano sensível, o de sua*

alfabetização, o que muito me preocupou, além do abalo emocional de uma criança que é privada do convívio com os colegas e amigos, de repente. O tempo da pesquisa praticamente desapareceu, o que teve forte impacto negativo sobre minha produção científica. O que era possível fazer eram as aulas de graduação (majoritariamente à noite) e pós-graduação, além de bancas e reuniões, mesmo assim, equilibrando estas demandas com os cuidados com a família". Uma outra mulher também colaborou, dizendo: *"Há impacto na quantidade de produção e também na qualidade de participação em reuniões, projetos e outras atividades. É muito desgastante "competir" com pessoas solteiras, que não têm filhos ou que já estão em outro momento da carreira (por exemplo com filhos mais velhos). Sinto-me sobrecarregada ao extremo e me questiono se devo me manter na carreira acadêmica".*

Houveram também relatos de mulheres que estão desgastadas em níveis muito altos após todo o estresse e mudanças que vieram com a pandemia, como a que fez este relato: *"Cuido da minha mãe de 95 anos. Durante a pandemia tive enorme dificuldade de contratar pessoas para me ajudar, por conta dos riscos, e precisei manter minhas atividades acadêmicas, como todo mundo. Estou exausta, tive agravamento de problemas de saúde, tem sido impossível conciliar todas as responsabilidades".*

Quanto às respostas abertas de docentes do gênero masculino, foram registradas duas. Na primeira, o relato foi: *"Duas vezes por semana ajudo minha esposa a cuidar da irmã mais velha que tem Alzheimer e não tem mais movimentos voluntários. Estes cuidados não me impactaram na carreira acadêmica".* Já na segunda, *"Iniciativa importante para melhorar a qualidade de vida no ambiente de trabalho, que pode ter impactos positivos inclusive no relacionamento das pessoas".*

5. CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como problema de pesquisa o impacto da questão de gênero na carga dos cuidados parentais experimentados por docentes nas carreiras acadêmicas. O principal objetivo foi levantar dados sobre a vida acadêmica de homens e mulheres docentes de três departamentos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a saber: Ciência da Informação, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica, a partir da perspectiva dos cuidados parentais.

Para a obtenção de tais dados, foi utilizado como instrumento de pesquisa o método *survey*, que contou com 30 perguntas (ver Apêndice B desta monografia) enviadas por e-mail aos docentes em questão através de um formulário. O período de recebimento de respostas foi de 6 de abril de 2022 a 10 de junho de 2022, com um retorno de 22 respondentes, sendo 15 mulheres e 7 homens.

Após realizada a verificação das respostas, foi feita uma análise, de forma quantitativa, para examinar como e se foi observado impacto com o cuidado dos filhos, família e tarefas de casa sobre as atividades de produção científica.

Quanto à estrutura familiar, pode-se observar que a maioria dos docentes (41,7% das mulheres e 20% dos homens) possui filhos maiores de 18 anos. Ou seja: são filhos que não demandam mais tanta atenção, têm autonomia e necessitam de pouca ou nenhuma intervenção parental. A maioria (N=12 para as mulheres e N=5 para os homens) também informou estar casado ou em união estável, indicando que há um(a) companheiro(a) ao lado desta pessoa. Além disso, as mulheres indicaram morar com duas ou três pessoas (N=7), ao passo que os homens moram com três ou mais pessoas (N=3).

As tarefas domésticas são realizadas em sua maioria por familiares com a ajuda de diarista (N=5 no caso das mulheres) ou apenas os familiares (N=3 no caso dos homens).

Já no comparativo das principais atividades realizadas mensalmente por homens e mulheres (questão de número 24), os dados tiveram certa discrepância. Das 15 mulheres respondentes, 9 assinalaram a opção “auxiliar filhos e outros familiares com a rotina”. Isso é mais da metade das respondentes. No caso dos

homens, apenas 2 assinalaram esta opção, apesar de 7 terem respondido ao questionário.

Os resultados obtidos a partir desta questão deixam claro que o cuidado com os filhos é majoritariamente voltado para as mulheres, comprovando o argumento de Jablonski (2010):

São as mulheres que ainda dão conta da maioria das tarefas, frequentam reuniões da escola, faltam ao trabalho em caso de doença das crianças, além de qualquer tipo de acompanhamento necessário, seja escolar, médico ou até mesmo no transporte para alguma festinha [...]. A atuação masculina mostrou-se assim predominantemente complementar à da mulher, salvo naqueles casos, pouco comuns, em que o homem dispunha de horários de trabalho flexíveis e a mulher não.

Além disso, a questão 26, que trata do cuidado com pessoas (crianças, idosos, irmãos e etc.) também indicou certa desigualdade. 5 das 15 mulheres respondentes (ou seja, 33,3% delas) indicaram gastar mais de 20h semanais para este fim, e outras 3 também informaram que gastam de 12h a 20h semanais. Uma das mulheres relatou que uma das pessoas que necessita de cuidados é uma pessoa com deficiência. Enquanto isso, apenas 1 dos 7 homens respondentes (ou seja, 14,3%) demonstrou gastar mais de 20h semanais para esta finalidade. Nenhum deles manifestou que o cuidado era com uma pessoa com deficiência.

As informações até aqui explicitadas comprovam que o cuidado com a família é, em sua maioria, uma tarefa designada às mulheres. A quantidade de mulheres que cuidam dos filhos e dedicam grande parte das horas semanais para cuidados com outras pessoas é maior que os homens.

As áreas de formação também provam disparidade entre o público feminino e masculino. A área de obtenção de maior titulação das mulheres é, em sequência decrescente: Educação (N=4); Ciência da Informação (N=3); Saúde Coletiva (N=2); Saúde Pública (N=1); Interdisciplinar (N=1); Política Científica e Tecnológica (N=1); Bioengenharia (N=1); Educação Especial (N=1) e Ciência, Tecnologia e Sociedade (N=1). Já os homens seguem a sequência decrescente de: Engenharia de Produção (N=2); Engenharia Elétrica (N=2); Ciência da Informação (N=2) e Engenharia (N=1).

Ou seja: das 15 respondentes, apenas uma tem sua titulação mais alta obtida em Bioengenharia e uma em Política Científica e Tecnológica, duas áreas compostas majoritariamente por homens. Já o gênero masculino demonstrou predominar as Engenharias em geral, sendo apenas dois respondentes da área da Ciência da Informação.

Isto demonstra claramente a sub representação feminina em áreas STEM (*science, technology engineering and mathematics*), a segregação horizontal (ou “teto de vidro” e a participação predominante das mulheres em áreas feminilizadas, que remetem ao cuidado e à educação; teorias anteriormente mencionadas neste trabalho.

A maioria das mulheres (N=6) e dos homens (N=2) indicou ter orientações em curso, o que é um número consideravelmente equilibrado. Porém, no período de 2019 a 2021, as mulheres atuaram em sua maioria como coordenadores e/ou bolsistas de projetos de pesquisa, ao passo que os homens participaram apenas como pesquisadores de equipe. Além disso, elas também orientaram mais projetos de pesquisa que eles no mesmo período e 10 das 15 respondentes mulheres publicaram mais de cinco artigos em periódicos científicos, contra 2 homens no mesmo patamar. Elas também participaram de mais livros ou capítulos de livros neste período.

Apesar disto, tanto os homens quanto as mulheres indicaram ter menos tempo para o planejamento e execução das atividades acadêmicas durante a pandemia do COVID-19.

O ponto de maior revelação, disparidade e solidariedade veio no momento da questão aberta (número 30), onde o participante poderia registrar uma resposta ou comentário relativo à pesquisa. 11 das 15 mulheres respondentes registraram respostas. A maioria indicou que sentiu o impacto da pandemia em suas produções e vida pessoal. Uma delas disse que “o impacto na vida acadêmica, em termos de “produção”, será visto em 2022 e 2023”. Isto porque algumas das publicações que foram realizadas no período de 2019 a 2021 já estavam em curso antes da pandemia. Este pode ser um dos motivos pelos quais as mulheres tiveram mais produção científica do que os homens neste período. Outras mulheres que deixaram sua colaboração nesta questão também indicaram sobrecarga de atividades, exaustão, agravamento em problemas de saúde e impossibilidade de conciliar todas as atividades.

Já os homens deixaram apenas duas colaborações nesta questão. Um deles demonstrou que o fato de cuidar de sua cunhada mais velha, que tem Alzheimer e não possui movimentos voluntários, não tem impacto em sua carreira acadêmica. Um outro colaborou dizendo que o presente trabalho é uma iniciativa importante para melhorar a qualidade de vida no ambiente de trabalho e no relacionamento interpessoal.

Em vista dos argumentos apresentados neste capítulo, conclui-se que os cuidados parentais e domésticos são em sua maioria tarefas da mulher, que se sente sobrecarregada com estes afazeres, principalmente quando realizados em conjunto com a carreira acadêmica. Por todos esses aspectos, percebe-se também a segregação horizontal, que impede a mulher de ir além do que ela consegue. A subrepresentação feminina nas áreas consideradas de maior prestígio pela sociedade, como as Engenharias e áreas STEM (*science, technology engineering and mathematics*), também foi explicitada. Comprova-se também que os cuidados parentais afetam a carreira acadêmica destas mulheres, que têm dificuldade em conciliar os dois “mundos”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. T.; TONINI, A. M. **A participação das mulheres nas áreas de STEM (science, technology engineering and mathematics)**. Revista de ensino de engenharia. v. 38, n. 3, 2019.

ASSIS, C. de; BOUERI, A. G. **Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres**. Revista Gênero e Número, 2018.

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Brasília, 2019.

BESSA, V. S.; MOREIRA, A. B. N. **Mulheres cientistas silenciadas e o resgate histórico de contribuições da física teórica brasileira Sonja Ashauer (1923-1948)**. REGRASP - Revista para Graduandos, São Paulo, v. 6., n.1., 2021.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A. **Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres**. DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

CARVALHO, C. C. B. de. **Gênero e pesquisa médica: Um estudo das bolsistas de produtividade e dos grupos de pesquisa do Brasil**. Orientadora: Camila Carneiro Dias Rigolin. 2020. 169 p. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2020.

CITELI, M. T. **Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 15, p. 39–75, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635362>>. Acesso em: 7 nov. 2021.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. **Rede social de apoio durante transições familiares**

decorrentes do nascimento de filhos. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 16, p. 221-231, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC. Apostila. 2002.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 21, 1995.

GRANOVSKIY, B. **Science, technology, engineer-ing, and mathematics (STEM) education: na over-view.** Congressional Research Service, June, 2018. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/misc/R45223.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GROSSI, M. P. **A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil.** Revista Estudos Feministas [online], 2004, v. 12, p. 211-221.

HARDING, S. **Sciences from below: Feminisms, postcolonialities, and modernities.** Raleigh, Duke University Press, 2008.

HARDING, S. **Standpoint Theories: Productively Controversial.** Hypatia, v.24, n.4, p. 192-200, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas; Informação Demográfica e Socioeconômica, ed. 2, n.38, 2021.

JABLONSKI, B. **A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento.** Psicologia: Ciência e Profissão, n.30, p. 262-275, 2010.

KATO, R. **Mulheres na tecnologia: estereótipos começam na infância.** Exame, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/mulheres-na-tecnologia-estereotipos-comecam-na-infancia/>>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

KELLER, E. F. **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?.** Cadernos Pagu [online]. n. 27, p. 13-34, 2006.

MACHADO, D. Q. de; ROCHA, A. S.; MOREIRA, M. Z. **Editorial: considerações acerca da atuação de mulheres na pesquisa científica.** Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão, v. 17, n. 1, p. 1-7, 2019.

MERTON, R. K. **El efecto Mateo en la ciencia.** In: MERTON, R. K. **La Sociologia de la Ciencia 2.** Madrid: Alianza Editorial SA, cap. 20, p. 554-578, 1977.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC. 2003.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política.** Psicologia em Estudo. Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NOGUEIRA, C. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social.** Revista Psicologia & Sociedade, v.13, n.1, p.107-128, 2001.

OLIVEIRA, J. R. de; MELLO, L. C.; RIGOLIN, C. C. D. **Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações.** Cadernos Pagu [online]. n. 58, 2020.

OZKAZANC-PAN, B. **Postcolonial feminist analysis of high-technology entrepreneuring.** International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, v. 20, n. 2, mar. 2014, pp. 155–172 [<http://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/IJEER-12-2011-0195> - acesso em 12 mar. 2018].

PERISTA, H. **Gênero e trabalho não pago: Os tempos das mulheres e os tempos dos homens.** Análise Social, n. 37, p. 447-474, 2002.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (**PNAD**), 2004.

ROSSITER, J. R. **The C-OAR-SE procedure for scale development in marketing.** International Journal of Research in Marketing, 19 (4), p. 305-335. 2002.

SANTOS, R. V.; RIBEIRO, E. P. **Diferenciais de Rendimentos entre Homens e Mulheres no Brasil revisitado: explorando o “Teto de Vidro”.** Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva [s.d.].

SIFONTES, D.; MORALES R. **Gender differences and patenting in Latin America: understanding female participation in commercial science**. *Scientometrics*, Springer; Akadémiai Kiadó, v. 124, n. 3, p. 2009-2036, set. 2020.

SILVA, A. J da; SIMÕES, E. A.; CUNHA, H. M. da; FURLAN, J. H.; PIRES, V. R. S. **Método de pesquisa *survey* – estudo do método e aplicações na engenharia de produção**. In: XIV WORKSHOP DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DO CENTRO PAULA SOUZA. São Paulo, 2019.

SILVA, E. B. **Des-construindo gênero em ciência e tecnologia**. *Cadernos Pagu* [online], Campinas, SP, n. 10, p. 7–20, 1998.

VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. IAPAR, Londrina, p. xiii-xviii, 2006.

WAJCMAN, J. **Feminist Theories of Technology**. *Cambridge Journal of Economics*, v. 34, n. 1, Oxford University Press, p. 143–52, 2010.

WALBY, S. **Is the Knowledge Society Gendered?**. *Gender, Work & Organization*, v18, p. 1-29, 2011.

YANNOULAS, S. C. **Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria**. *Temporalis*, Brasília, v. 2, p. 271 - 292, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

A senhora/senhor está sendo convidada(o) a participar da pesquisa intitulada “Os impactos dos cuidados parentais e familiares na carreira acadêmica de docentes: um survey na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)”. O objetivo é investigar a relação entre gênero e o impacto dos cuidados parentais e familiares (seja com filhos ou outros familiares, tais como pais, irmãos etc.) na produtividade científica e outros aspectos da carreira acadêmica de docentes de diferentes departamentos da UFSCar. Esta pesquisa é parte integrante de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida por Isabelli Carolina Sampaio Postigo, aluna regular do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar, sob orientação da Profa. Dra. Camila Carneiro Dias Rigolin (Departamento de Ciência da Informação/UFSCar).

A pesquisa será de acordo com o que preconiza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Não aplica procedimentos invasivos aos participantes, nem implica riscos à sua saúde, segurança e integridade física, possibilidade de riscos emocionais, espirituais ou sociais. Sua participação é voluntária, não remunerada e acontecerá por meio de respostas suas a um formulário on-line sobre o tema, cujo tempo aproximado de preenchimento é de 20 a 30 minutos. Seus dados serão tratados de forma confidencial e respeitando sua privacidade, portanto nenhuma informação que a/o identifique será divulgada em publicações resultantes da pesquisa. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só a pesquisadora e sua orientadora terão acesso direto às informações nele relatadas.

Você é livre para decidir participar, pode parar ou desistir da participação a qualquer momento, e tem assegurada a retirada de seus dados a qualquer momento conforme a sua vontade, sem que isso lhe traga prejuízo algum. Ao relatar suas experiências, isso poderá gerar algum desconforto emocional caso julgue ter recordado alguma experiência desagradável. Caso isso ocorra, a senhora/o senhor poderá interromper

as suas respostas ao questionário a qualquer momento, sem que isso implique em prejuízo e sem necessidade de justificativa. A participação na pesquisa não prevê nenhum gasto. Os dados da sua participação ficarão armazenados por pelo menos cinco anos, em formato digital, de posse das pesquisadoras responsáveis, podendo ser descartados (deletados e incinerados) posteriormente ou mantidos armazenados em sigilo. Os nomes das(os) informantes serão omitidos no relatório de pesquisa e nos demais produtos da pesquisa (artigos científicos). Sua recusa não implicará em nenhum prejuízo em sua relação com a instituição.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se você concordar em participar da pesquisa, solicitamos, declare seu consentimento abaixo. Se desejar, pode tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Isabelli Carolina Sampaio Postigo

isabellipostigo@estudante.ufscar.br

Camila Carneiro Dias Rigolin

diasrigolin@ufscar.br

UFSCar – Rodovia Washington Luís, km 235 – São Carlos - SP

CEP: 13.565-905 – telefone (16) 3351-9594.

Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, via Plataforma Brasil, e aprovada em 23/03/2022, com número CAAE 54149321.4.0000.5504 e número de parecer 5.307.568.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na

pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Local e data

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

1 - Indique seu cargo e classe na UFSCar: <ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Professor permanente titular<input type="radio"/> Professor permanente associado<input type="radio"/> Professor permanente adjunto<input type="radio"/> Professor permanente assistente<input type="radio"/> Professor substituto
2 - Indique o ano de ingresso na carreira de magistério superior:
3 - Indique o nível de titulação mais alta: <ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Doutorado<input type="radio"/> Mestrado<input type="radio"/> Especialização<input type="radio"/> Graduação
4 - Indique o ano de obtenção da titulação mais alta:
5 - Indique a área do nível de titulação mais alta (ex: Educação; Sociologia; Fisioterapia; Engenharia Civil):
6 - É docente de pós-graduação stricto sensu? <ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Não<input type="radio"/> Sim, credenciado em um programa de pós-graduação.<input type="radio"/> Sim, credenciado em mais de um programa de pós-graduação.
Responda às perguntas 7, 8 e 9 apenas se respondeu “sim” à pergunta 6. Se respondeu “não” pule para a pergunta 10.
7 - Indique quantas orientações tem em curso em programas stricto sensu, somando as orientações de mestrado e doutorado, de todos os programas: <ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Um<input type="radio"/> Dois a três<input type="radio"/> Três a cinco<input type="radio"/> Cinco a oito<input type="radio"/> Mais de oito
8 - Indique quantas orientações em programas stricto sensu foram concluídas no período 2019-2021: <ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Uma<input type="radio"/> Duas<input type="radio"/> Três a cinco<input type="radio"/> Mais de cinco
9 - Ministrou disciplinas para turmas de pós-graduação no período 2019-2021?

- Não
- Sim, em uma turma
- Sim, em duas turmas
- Sim, em três ou mais turmas

10 - Você participou de projetos de pesquisa com fomento de agentes públicos ou privados no período 2019-2021?

- Não.
- Sim, como coordenador e/ou bolsista de produtividade em pesquisa.
- Sim, como pesquisador da equipe, mas não como coordenador ou bolsista de produtividade em pesquisa.

11 - Se respondeu “sim” à pergunta 10, indique a fonte de financiamento e/ou agência de fomento:

- CNPq
- FINEP
- CAPES
- FAPESP
- Fundação de amparo à pesquisa externa ao estado de São Paulo (ex: Faperj; Fapemig, outras)
- Fundações privadas nacionais
- Fundações internacionais, públicas ou privadas

12 - Orientou projetos de iniciação científica no período 2019-2021?

- Não.
- Sim, um projeto.
- Sim, mais de um projeto.

13 - Quantos artigos em periódicos publicou no período 2019-2021?

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três a cinco
- Mais de cinco

14 - Quantos livros ou capítulos de livro publicou no período 2019-2021?

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três a cinco
- Mais de cinco

15 - Quantos trabalhos completos ou comunicações em anais de eventos científicos publicou no período 2019-2021?

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três a cinco
- Mais de cinco

16 - Assinale sua faixa etária:

- Menos de 25
- 25 a 45
- 46 a 55
- Mais de 55

17 - Estado Civil:

- Solteira/o
- Casada/o ou União Estável
- Separada/o; Divorciada/o; Viúva/o

18 - Se assinalou a opção “b” na questão anterior, por favor, informe a ocupação do(a)companheiro(a):**19 - Número de filhos:**

- Nenhum
- Um
- Dois ou mais

20 - Faixa etária do(s) filho(s) – assinale mais de uma alternativa se for o caso:

- 0 a 3 anos
- 4 a 7 anos
- 8 a 12 anos
- 13 a 18 anos
- Mais de 18 anos

21 - Indique suas características étnicas:

- Negro
- Branco
- Indígena
- Asiático
- Outro. Qual? _____
- Não sei
- Não quero responder

22 - Quantas pessoas moram com você?

- Nenhuma.
- Uma
- Duas a três
- Mais de três

23 - Quem realiza as tarefas domésticas em sua casa?

- Apenas eu
- Empregado(a) doméstico(a) mensalista
- Diarista
- Eu e familiares
- Familiares, sem minha participação

Outro(s). Qual(is)? _____

24 - Assinale as tarefas domésticas/familiares que você realiza pelo menos uma vez por semana:

- Cozinhar
- Lavar louça
- Fazer faxina
- Lavar e/ou passar roupa
- Arrumar a casa
- Fazer supermercado
- Levar filhos na escola
- Levar filhos ou outros familiares em compromissos (ex: consultas médicas, terapias etc.)
- Auxiliar filhos com tarefas escolares
- Auxiliar filhos e/ou outros familiares com atividades de rotina (alimentação, higiene etc.)
- Outra(s). Qual (is)? _____
- Nenhuma tarefa.

25 - Quantas horas semanais você dedica às tarefas domésticas acima listadas (somadas as horas dedicadas a todas)?

- Zero
- Menos de 4h
- Entre 4h e 8h
- Entre 8h e 12h
- Entre 12h e 20h
- Mais de 20h

26 - Quantas horas por semana você dedica aos cuidados de pessoas (crianças, idosos, irmãos etc.)?

- Zero
- Menos de 4h
- Entre 4h e 8h
- Entre 8h e 12h
- Entre 12h e 20h
- Mais de 20h

27 - Em relação à pergunta 26, alguma(s) destas pessoas é uma pessoa com deficiência (PCD)? Vá para a pergunta 28, se assinalou "Zero", na questão 26.?

- Não
- Sim

28 - Com que gênero você se identifica?

- Feminino
- Masculino
- Não binário
- Prefiro não responder

29 - Observou algum impacto das medidas de isolamento social durante a pandemia de COVID-19 sobre sua produção científica e/ou outros aspectos de sua carreira?

- Não
- Sim, mais tempo disponível para planejamento e execução de tarefas acadêmicas
- Sim, menos tempo disponível para planejamento e execução de tarefas acadêmicas

30 - Gostaria de registrar uma resposta aberta ou comentário relativo aos impactos dos cuidados parentais/familiares sobre sua carreira acadêmica? Em caso afirmativo, fique à vontade. Sua resposta não será identificada.
